

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL

AXEL BEZERRA ALVES

O AUTO DA LIBERDADE

Patrimônio Histórico e Cultural de Mossoró-RN: mitos fundadores e produção de Identidades

RECIFE – PE
2020

AXEL BEZERRA ALVES

O AUTO DA LIBERDADE

PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE MOSSORÓ

Relatório técnico para apresentação de produto à banca de qualificação do Mestrado Profissional em História, da Universidade Católica de Pernambuco, como requisito para a obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Helder Remígio de Amorim

NOME COMPLETO: AXEL BEZERRA ALVES

TÍTULO: **O AUTO DA LIBERDADE**

PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE MOSSORÓ

Prof. Dr. Hélder Remígio - UNICAP

Orientador

Prof^ª. Dr^ª Maria do Rosário da Silva - UNICAP

Prof^ª. Dr^ª Juliana Alves de Andrade - UFRPE

Recife, _____ de _____ de _____.

RECIFE – PE
2020

AGRADECIMENTOS

Foram muitas as pessoas que contribuíram para a realização deste trabalho e faço questão de registrar algumas palavras com o objetivo de expressar a minha profunda gratidão.

Primeiramente, agradeço aos meus pais, Manoel e Maria, que sempre me apoiaram, incentivaram e nunca mediram esforços para me ajudar em tudo, até mesmo nas coisas impossíveis - não é preciso dizer que nunca vou conseguir retribuir por tudo o que fizeram. Agradeço aos meus irmãos, Francisco, Luis, Maurina e Socorro pela arrimo que me dão sempre.

Agradeço aos meus professores do Mestrado Dr Helder, pela confiança que depositou em mim desde o começo, aceitando orientar o meu trabalho, por ter me tranquilizado inúmeras vezes, pelas tardes agradáveis de estudo, e pelas contribuições que deu a este trabalho, sem as quais o mesmo não teria sido possível. Muitíssimo obrigado.

Aos professores que aceitaram o convite para participar da minha banca de qualificação e pelas diversas contribuições que me fizeram crescer.

A todos os professores do Programa de Pós-graduação em História da Unicap, Dr Thiago, nosso coordenador, Dra Lidia, Dr Flávio, Dr Cadena, com os quais tive a oportunidade de me aproximar das discussões sobre os espaços e a História. Agradeço aos amigos da secretaria do mestrado, aos zeladores, ascensoristas, recepcionistas e a cada funcionário da UNICAP, de todos os níveis e setores, sem os quais nada disso seria possível.

Aos meus estimados companheiros de sala do mestrado, pelas agradáveis discussões e apoios e trocas, pelos lanches e companhia, sou grato pelas horas de estudo que compartilhamos e que tanto me ajudaram na realização deste sonho.

Aos meus colegas de trabalho – Ateniense, Ozanan, Ivon, Fabio, Marivaldo – eu agradeço pela convivência agradável, pelo cuidado e zelo que tiveram comigo e pelo encorajamento que sempre me deram.

Agradeço ao IFPE – Campus Recife por ter financiado parte do meu curso.

Por fim, agradeço ao Povo de Mossoró, por cada pessoa que contribuiu para concretizar cada componente desse trabalho.

RESUMO

O nosso trabalho tem como meta analisar a importância de vários acontecimentos na formação da identidade do povo de Mossoró, uma das mais importantes cidades do interior do Nordeste Brasileiro e de, como acontecimentos Históricos contribuem para a formação de uma identidade própria de uma determinada comunidade urbana. Sendo assim, desenvolvemos um trabalho de exposição da Cidade, do povo e de parte importante de sua História, que contribui para formação de uma identidade própria. A Cartilha desenvolvida em forma de folder visa despertar o interesse para a História e, até mesmo, conduzir os leitores a uma leitura mais aprofundada sobre a História de Mossoró.

Palavras-Chave: Mossoró, Patrimônio, memória e identidade.

ABSTRACT

Our work aims to analyze the importance of various events in the formation of the identity of the people of Mossoró, one of the most important cities in the interior of Northeast Brazil and, as historical events, contribute to the formation of an identity specific to a given urban community. . Therefore, we developed a work to show the City, the people and an important part of its History, which contributes to the formation of its own identity. The booklet developed in the form of a folder aims to awaken interest in history and even lead readers to a more in-depth reading about the History of Mossoró.

Key words: Mossoró, Heritage, memory and identity.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. DISCUSSÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA.....	17
3. DISCUSSÃO SOBRE O FORMATO	19
4. APRESENTAÇÃO DO PRODUTO.....	20
4.1 Mossoró: A Cidade, o Povo e o Polo Regional.....	20
4.2 O AUTO DA LIBERDADE.....	28
4.2.1 Os Fatos Históricos Retratados no Auto da Liberdade.....	30
4.2.1.1 O Motim das Mulheres.....	31
4.2.1.2 Pioneirismo na Abolição da Escravidão.....	35
4.2.1.3 A Resistência ao Bando de Lampião.....	45
4.2.1.4 Primeiro Voto Feminino da América Latina.....	51
5. APLICAÇÃO DO PRODUTO.....	54
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	56
7. LISTAGEM DOS ACERVOS E FONTES.....	59
8.BIBLIOGRAFIA.....	60

1. INTRODUÇÃO

A força motriz deste trabalho foi em grande medida ao que talvez se possa chamar de uma necessidade, da parte do autor, em relação ao passado da cidade de Mossoró. Na memória, há um acontecimento singelo que contribuiu para esta percepção. Nos idos do primeiro ano científico, atual ensino médio, um professor perguntou à queima roupa: qual idade tem Mossoró? Não houve ninguém que tentasse responder. Boa parte da turma era de cidades circunvizinhas, e deste grupo variado foi possível ouvir respostas como: sei quantos anos tem a minha cidade, mas Mossoró... Nativos e que habitavam Mossoró formavam um grupo bastante heterogêneo, principalmente em relação à idade, mas de fato ninguém sabia. Continuando a aula, o professor seguiu fazendo outras perguntas intrigantes – por exemplo, quem é o fundador de Mossoró?, e continuou o mesmo silêncio - narrando uma parte do processo histórico que levou das fazendas criatórias ao surgimento da cidade. Ao final, conclui: vocês não conhecem a história do lugar onde nasceram. Era notório em toda o discurso do professor a tipificação do desconhecimento geral da turma como um grande absurdo.

Continuando no mesmo espírito, o professor perguntou o significado de cada festa comemorativa da cidade. Silêncio quebrado por alguns alunos que assistiram ou participaram de tais representações cênicas que, na época eram dispersos em datas próprias ao longo do ano. Vimos nas respostas a importância de tais festejos memoriais na construção da identidade de um povo. Mesmo que ainda difusos em datas ao longo dos anos, as comemorações ajudavam bastante na construção de características que formam a idéia de peculiaridade mossoroense. Chegamos a constatação de que não haviam condições de elaborar uma narrativa capaz de dar conta de um conhecimento amplo da História de Mossoró – incluindo os seus eventos tidos como libertários – conduziu-nos a testar as fronteiras de uma generalização. É fato que o desconhecimento era partilhado pela grande maioria dos mossoroenses, em virtude do fato de quase não estudarem absolutamente nada da *história de Mossoró* na escola.

Partindo de várias preocupações com a formação de uma identidade cultural, as nossas inquietações nos conduziram para outras ramificações. As apropriações de memoriais simbólicos amplamente disseminados ganharam contorno, possibilitando a articulação de um problema e uma maneira de lhe conferir tratamento peculiar pelo caminho da pesquisa.

A pesquisa em uma determinada produção acadêmica constitui o marco divisor

que define as intenções deste trabalho. A produção literato-acadêmica em questão é formada pelas seguintes obras: *A (re)invenção do lugar – os Rosados e o “país de Mossoró”* (2001), de autoria de José Lacerda Alves Felipe, *Mitologias do país de Mossoró* (1998), de Francisco Fagundes de Paiva Neto e *Abolição da escravidão em Mossoró – pioneirismo ou manipulação do fato* (1999), de Emanuel Pereira Braz. Essas obras abordam as práticas que instituem e disseminam esse conjunto de memórias que citamos anteriormente. Constatamos assim que são estudos que tratam de uma espacialidade construída historicamente em torno da memória de grandes acontecimentos, o “país de Mossoró”. Para os pesquisadores citados, a produção desse “país” tem um viés claramente ideológico, e é capaz de agenciar a lealdade coletiva das pessoas do lugar em favor dos grupos políticos que as produziram, principalmente a família Rosado. As obras citadas focam prioritariamente a esfera da produção e da difusão das memórias, inferindo deste ponto, do lugar de sua produção, os significados que as pessoas comuns fazem daquilo que foi produzido.

São quatro, os acontecimentos históricos abordados em nosso trabalho. Seguindo à ordem cronológica, o primeiro evento ocorreu no dia 4 de setembro de 1875. Por causa do alistamento militar obrigatório em todo o Império ocorreu uma reação chamada o *Motim das Mulheres*, revolta liderada por Ana Floriano, contra o possível envio dos seus filhos e maridos para a guerra. Foi constatado que os filhos de opositores e, até mesmo pessoas identificadas como opositores das elites locais, seriam mais prejudicados em tal recrutamento. Tal episódio chega ao ápice com a destruição dos documentos de alistamento, bem como no enfrentamento das mulheres com as forças policiais. O segundo grande episódio ocorreu no dia 30 de setembro de 1883, quando Mossoró antecipou em cinco anos a *Abolição da Escravatura*. Tal iniciativa partiu da província do Ceará, que já havia libertado os escravizados em algumas cidades. No início de 1883 foi inaugurada a *Sociedade Libertadora Mossoroense*, cujo líder principal era Joaquim Bezerra da Costa Mendes, de onde partem as ações que conduziram à precoce Abolição. Mais tarde, a Lei nº 30, de 13 de setembro de 1913, determinou que o dia 30 de setembro seria feriado municipal em Mossoró, sendo esta a principal data comemorativa da cidade.

Por muito tempo houve um pensamento comum de que Mossoró teria sido pioneira na Abolição dos Escravizados em âmbito nacional. Atualmente, essa intenção se dá somente nas esferas não acadêmicas.

Na primeira metade do Século XX, quando o Brasil já era uma República, o bando do cangaceiro Lampião fez uma tentativa frustrada de sequestro à cidade de Mossoró.

Tal confronto ocorreu no dia 13 de junho de 1927. Naquele dia os mossoroenses, comandados pelo prefeito Rodolfo Fernandes, impuseram a Lampião e seu bando um fragoroso revés. Tal episódio ficou conhecido como a *Resistência de Mossoró ao bando de Lampião*. O quarto e último grande acontecimento ocorreu em 1928. Neste ano, a professora Celina Guimarães Viana conseguiu o seu título de eleitora, após solicitação ao governador Juvenal Lamartine. Desta forma, tornou Mossoró a cidade onde aconteceu o *Primeiro voto feminino*.¹

Toda a memória que se formou a partir desses eventos pode ser vislumbrada no espaço público da cidade: homenagens com nomes em logradouros públicos além de empreendimentos privados, são tentativas de gravar uma identidade para a Cidade. Além do mais, vários espetáculos que encenavam os acontecimentos históricos mais importantes foram condensados em 1998, em uma semana só, no mês de setembro. No último dia de festividades em setembro, ocorre também o *Cortejo da Liberdade*, um desfile cívico que conta com a participação de destacamentos das Forças Armadas, bem como de setores da sociedade civil, como a maçonaria, igrejas e escolas públicas e privadas. Esse dia é feriado municipal, como já vimos.

No arcabouço dessa grande difusão de memórias, através dos meios já citados, principalmente através da *Coleção Mossoroense*¹, foi consagrada a expressão *país de Mossoró* para especificar esta porção do território como uma unidade específica, que traz características bem peculiares. A pessoa que concebeu tal designação é o vigésimo primeiro filho de Jerônimo Ribeiro Rosado. Este último, um farmacêutico (boticário) que advindo da cidade de Pombal na Paraíba, no final do século XIX, empolgado com os seus estudos de francês, decidiu batizar os filhos com números franceses, na ordem cronológica em que nasciam. Teve 21 filhos ao todo.

Em entrevista concedida a Rocha (2001), Vingt-un diz:

Bem o que eu posso dizer é que “país de Mossoró” significa um país imaginário. Um país particular de um povo forte que luta constantemente pela liberdade, um país que apaixona a gente. Eu

¹ A Coleção Mossoroense foi instituída em 30 de setembro de 1949 e possui o maior acervo de obras multidisciplinares sobre o sertão semiárido.

sempre achei Mossoró uma cidade única, mas a expressão “país de Mossoró” foi uma coisa que me deu na telha, não foi nada pensado (ROCHA, 2001 p.229).

Como visto com a produção literária citada anteriormente, o *país de Mossoró* dá expressividade e visibilidade ao lugar, funcionando como organizador do espaço e conferindo identidade aos cidadãos através do incentivo ao sentimento de lealdade coletiva. Ainda veremos que esses trabalhos defendem que a perpetuação de componentes da família Rosado na chefia do executivo municipal se prolonga exatamente em função dos efeitos do “país de Mossoró”, que repercutem no imaginário da população local. Há uma mística em torno dessa família de oligarcas que, inclusive, quase não participou da maioria dos quatro grandes eventos históricos em que trabalhamos. Nos últimos cinquenta anos, apenas dois mandatos não tiveram membros da família Rosado no comando municipal.

Os eventos embaixadores da identidade cultural mossoroense acontecimentos formam os quatro pilares da memória, que por sua vez constituem uma *especialidade mossoroense*, o “país de Mossoró”. Deste modo, o objetivo amplo do trabalho consiste em analisar, por um lado, essa especialidade a partir das visões construídas pela produção acadêmica, e por outro, a partir dos seus usos encenações do Auto da Liberdade.

Para conferir legitimidade ao nosso trabalho urge tratar da relação *história e espaços*. A perspectiva encampada para pensar esta relação é a de que espaço e tempo são dimensões da realidade intrínsecas. Durante muitas gerações de estudiosos, o espaço foi tratado com certa desqualificação. No âmbito da História, as preocupações com o espaço era restritas a um certo determinismo de delimitações e recortes do universo de pesquisa. Visto como um dado a priori, como uma dimensão naturalizada, o espaço era morto, fixo, não dialético e imóvel (FOUCAULT, 1984 p.159). Tem sido adotada recentemente uma mudança desta compreensão, e muito ligado à centralidade que vem ocupando em diferentes áreas do saber, estudar essa relação requer abordar os espaços como elemento vivo, participante ativamente das tramas históricas, estando perpassado pelo tempo, portanto, sujeito às visões peculiares dos historiadores. Se faz necessário reconhecer também que os espaços não são restritos a um recorte tangencial ou físico. Eles também têm simbologias imaginárias, mitológicas, de vez que se fazem presentes no campo da representação.

Essa preocupação com a problemática do espaço está orientada aqui basicamente

a partir do que recebemos do geógrafo Yi-Fu Tuan. Ele entende o espaço como construção do ser humano, e contribui de maneira significativa para uma artificialização dos espaços - perspectiva subjacente à nossa pesquisa. Tuan analisa os conceitos de espaço e lugar a partir da visão da *experiência*, compreendida como diferentes formas e, por meio delas, uma pessoa conhece e constrói a realidade. O que pode ser apreendido, segundo o autor, é um construto da vivência, e tem tudo a ver com a capacidade de compreender a partir da experiência, portanto, é fruto de sentimento e pensamento. (TUAN, 1983. p.10). O conhecimento age como fator diferencial para a construir os espaços, contribuindo bastante para as percepções que deles temos e, mais ainda, para os significados que os envolvem.

Sobre a compreensão de espacialidade entendemos como o acúmulo de significados e simbolismos que resultam de todo um conjunto de práticas sociais. Tais Práticas atribuem valores, oportunizam percepções e dão inteligibilidade aos espaços (ALBUQUERQUE, 2009, p.29-49). Na construção das espacialidades, a memória, entendida enquanto trabalho sobre o que deverá ser guardado, atua na fixação de imagens dos diferentes recortes espaciais (ARRUDA, 2000, p.41). É nesta perspectiva que tratamos o *país de Mossoró* como uma espacialidade.

Esse aspecto da espacialidade de Mossoró já foi estudada por alguns pesquisadores. No trabalho do Historiador Dr Bruno Balbino Aires da Costa (2011) vemos como se dá a construção discursiva de Mossoró na visão do folclorista Luis da Câmara Cascudo. Costa (Ibidem) fez o destaque que o trabalho de Câmara Cascudo foi apropriado pelo poder dominante em Mossoró, que se valeu do grande prestígio intelectual desse historiador para projetar a cidade. O poder dominante como foi afirmado anteriormente ao qual nos referimos é composto pelos membros da família Rosado e seus agregados. O trabalho expressa que a partir da obra de Cascudo, abriu-se uma gama de possibilidades para circunscrever o espaço mossoroense, como exemplo, a ideia de peculiaridade de Mossoró com algumas particularidades, expressões orais e práticas cotidianas.

O cientista social Alessandro Nóbrega (2007) faz um estudo sobre os valores atribuídos ao ex-governador Dix-sept Rosado pela Coleção Mossoroense. Estudando esse processo, o referido autor assinala que a imagem divulgada de Dix-sept é ampliada e estendida para a cidade de Mossoró, formando entre os habitantes um sentimento de identificação com o lugar que resulta num sentimento de coesão social. O autor indica que a vasta produção discursiva sobre o ex-governador Dix-sept gerou uma maneira de ver e dizer do povo de Mossoró. A construção da estátua de Dix-Sept Rosado na principal Praça da

cidade, conhecida como praça Vigário Antônio Joaquim, foi concretizada através de uma campanha que arrecadou dinheiro do povo, inclusive dos pobres. Provavelmente, os idealizadores dessa estátua não precisavam de tal dinheiro, mas a campanha gerou um sentimento de construção comunitária. É o povo de Mossoró que colaborou e construiu essa estátua para um dos mais célebres filhos da região.

Todavia, não há nenhuma pesquisa que se pretenda a investigar de que modo as obras de José Lacerda (2001), Paiva Neto (1998) e Emanuel Braz (1999) colaboram para construir uma determinada espacialidade mossoroense. As pesquisas de Nóbrega (2007) e Costa (2011) usam esses livros como fontes, mas não indicam que neles existem também uma determinada maneira de interpretar a identidade cultural da cidade de Mossoró.

Quando pesquisamos trabalhos sobre o ensino de História em Mossoró, que analisam como se dá o ensino de temáticas locais – notadamente as *mitologias criadas do “país de Mossoró”* – o único trabalho do qual tivemos acesso foi escrito por Rocha (2001). Na sua visão, Rocha (Ibidem) estuda a relação entre os currículos oficiais (PCN) e os currículos vivenciais (que efetivamente se concretizam em sala de aula) pela compreensão das identidades locais dos professores.

É com o objetivo de atender uma demanda pedagógica que nos preocupamos em estudar também, a partir de aspectos que envolvem a consciência histórica, de que maneira os professores usam a representação de uma Mossoró Peculiar nos processos de orientação temporal. Que representações do “país de Mossoró” são instrumentalizadas pelos professores na percepção que eles fazem da realidade? Quais são as aplicações que fazem desta espacialidade? Que significados fazem dela? Como a colocam em prática? Estas questões impõem a necessidade de nos aproximarmos dos trabalhos da consciência histórica, como a concebeu o historiador alemão Jörn Rüsen (2001).

(...) a suma das operações mentais com as quais os homens interpretam sua experiência da evolução temporal de seu mundo e de si mesmos, de forma tal que possam orientar, intencionalmente, sua vida prática no tempo. (RUSEN, 2010, p. 57)

O trabalho encontra-se dividido em três capítulos. No primeiro, estudamos a cidade e a produção acadêmica já citada como tendo um determinado sentido, ou seja, como

um discurso produtor de uma realidade. O caminho traçado neste relatório implica em verificar como Mossoró se coloca em si mesma, na sua região e sua importância como cidade e povo. Portanto, a primeira parte do nosso trabalho é produto da compreensão de que é importante acompanhar a concretização de uma espacialidade mossoroense que foi operada e instrumentalizada pelas elites locais. Encontram-se semeadas ao longo deste capítulo as compreensões de Roger Chartier. A construção historiográfica é entendida a partir de propostas lançadas por Chartier, ou seja, tratamos aqui de entender a maneira como uma determinada realidade foi sendo construída, pensada, dada a ler (CHARTIER, 1990, p. 17). As pesquisas dos acadêmicos impõem os seus significados que por sua vez são trabalhados e fundamentados através de bem elaborados esquemas conceituais.

No segundo capítulo apresentamos os eventos históricos que são considerados como marcos da construção da identidade libertária de Mossoró. O Motim das Mulheres, A Abolição Precoce, Resistência ao Bando de Lampião e o pioneirismo do Voto feminino. Percebemos em tais eventos que em dois deles as mulheres mostram sua força e de como elas podem influenciar decisivamente na construção da História e nas lutas sociais. Analisamos também os aspectos sociais e a inserção dos vários grupos sociais nesses eventos. Estudamos também se houve construção coletiva em tais acontecimentos.

No terceiro capítulo analisamos o Auto da Liberdade como memorial de tais eventos e o papel que tal festejo tem na construção da identidade do povo de Mossoró.

2. DISCUSSÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

Iniciamos nosso trabalho objetivando realizar uma pesquisa sobre os fatos históricos que contribuíram para a formação da identidade do povo de Mossoró e a partir de dados coletados e analisados de acordo com o nosso referencial teórico, elaborar um roteiro visual sobre o patrimônio cultural da cidade.

De início, utilizamos os procedimentos processuais (crítica, heurística e interpretação) que Rüsen (2007, p.105) denomina de as “[...] regras da pesquisa histórica”. De acordo com esse autor, primeiramente o pesquisador deve elaborar os questionamentos, que possivelmente “já contêm possíveis respostas, embora apenas possíveis e não necessariamente reais”.

Já sabíamos da precariedade de fontes, pois ao nos debruçarmos sobre os arquivos, constatamos que os documentos escritos eram mais escassos do que imaginávamos e assim, buscamos a captação de parte de nossa labuta, mediante visitas a museus e bibliotecas que eram previstas desde a elaboração do projeto como parte da metodologia de pesquisa, mas que se tornaram essenciais em muitos momentos do processo.

Esses vestígios sobre o passado são segundo Le Goff, monumentos que se tornam documentos quando selecionados pelo Historiador.

Em vista disso, selecionamos os documentos que mais se identificavam com os objetivos de nossa pesquisa. Conscientes do “[...]fato de que todo documento é ao mesmo tempo verdadeiro e falso”, cabendo ao pesquisador a responsável tarefa de verificar sua veracidade, comparando várias fontes e assim “[...] mostrar em que medida o documento é instrumento de um poder” (LE GOFF, 2005, p. 526).

As percepções adquiridas na sociedade por meio da história local e regional visam possibilitar ao leitor um suporte para a compreensão de um contexto macro. É partindo do estudo e conhecimento primeiramente da região onde vive, que o leitor poderá então entender, posteriormente, a complexidade histórica de uma sociedade muito mais ampla. Sendo assim, o conhecimento sobre a história de Mossoró pode despertar o gosto dos estudantes pela história e ampliar sua compreensão da História do Brasil, e do mundo, não como histórias separadas, mas vinculadas e que de alguma maneira se relacionam, se cruzam, se afetam.

Delimitamos nosso recorte temporal, entre o período da década de 1870 e a década de 1920, que corresponde ao Motim das Mulheres Contra O Recrutamento na Guerra do Paraguai e ao Fim do Cangaço no Nordeste brasileiro.

Nosso propósito, com todas as possibilidades e limites, foi estudar e compreender uma parte do processo histórico local, pois como o próprio título desse trabalho sugere, são acontecimentos de Mossoró e toda história tem várias versões. Assim, conscientes da heterogeneidade que um trabalho como este oferece e já sabendo dos entraves que enfrentaríamos, pois o recorte espacial e temporal é muito amplo.

A grande oportunidade de cursar o mestrado Profissional em História possibilitou-nos levar esse trabalho para além do ambiente acadêmico chegando até ao trabalho de campo e a leitura de cordéis e tradições orais. Pois desde o início esse foi um dos nossos principais objetivos: levar esse trabalho para além dos meios científicos e fazê-la chegar até as escolas e meios de distribuição ao público. Assim sendo, essa pesquisa sobre a história de Mossoró, resultou na elaboração de uma cartilha sucinta e esclarecedora para ser utilizado por professores e demais agentes públicos em empresas para melhor conhecimento da formação da identidade do Povo de Mossoró.

O material está dividido em capítulos que tratam basicamente das quatro temáticas discutidas ao longo desse trabalho: Um capítulo sobre a Cidade e sua contextualização, O segundo capítulo sobre os acontecimentos históricos: O Motim das Mulheres Contra o Recrutamento, A Abolição Precoce dos Escravizados, O Primeiro Voto Feminino e A Resistência ao Bando de Lampião e, por último um capítulo sobre o Auto da Liberdade, que condensa encenações sobre os acontecimentos citados. Esses acontecimentos marcam bastante a ideia de que o Povo de Mossoró tem uma identidade de lutas pelas liberdades.

3. DISCUSSÃO SOBRE O FORMATO

Nosso produto pode ser utilizado em por professores e nas atividades turísticas. Pessoas que visitam a cidade para assistir o Auto da Liberdade e outras festas, para que tenham um conhecimento dos acontecimentos que formam a identidade cultural dos habitantes da Cidade. O produto pode ser exposto na Estação Rodoviária, Aeroporto, Agências de Turismo e,

principalmente nas Escolas do Município. Não se pretende em sua apresentação ao público como um trabalho acadêmico, mas um material com linguagem acessível a pessoas a partir de uma faixa etária de 10 anos de idade.

O formato pensado foi de uma cartilha, estilo folder, que permite uma leitura concisa, mas apurada dos fatos que formaram a identidade cultural da cidade de Mossoró. No início temos uma apresentação da cidade de Mossoró, seu contexto geográfico, um breve histórico, o seu posto como polo regional do Oeste do Rio Grande do Norte. Desse modo, privilegiaremos os quatro acontecimentos históricos citados anteriormente com uma breve contextualização histórica e geográfica de cada fato.

O produto é altamente aplicável em escolas, mesmo não tendo a pretensão de ser um material didático convencional ou livro, o mesmo pode ser utilizado como recurso didático adicional por professores das redes oficiais e da rede particular de ensino. Pode ser também utilizado por agentes de turismo e hotelaria para as pessoas que visitam a cidade, principalmente em épocas de festejo. A publicação do produto na Internet, mais precisamente hospedado em um site ou redes sociais de compartilhamento de arquivos em texto (PDF), vídeos como Youtube e Vimeo, aumenta substancialmente o alcance do produto e sua aplicabilidade. O produto terá uma versão para o inglês e, estuda-se a possibilidade de publicação na Internet em uma maior variedade de idiomas.

4. APRESENTAÇÃO DO PRODUTO

4.1 Mossoró: A Cidade, o Povo e o Polo Regional

“As fronteiras são raias, áreas de intergradação nas quais os processos se manifestam segundo uma lógica de descontinuidade objetiva da paisagem ou, ainda, segundo uma impermeabilidade muito acentuada entre as parcelas do território submetidas às definições e redefinições territoriais mais ou menos independentes.”

(PASSOS, 2009, p. 1)

Importante município brasileiro no Oeste do estado do Rio Grande do Norte, Região Nordeste do Brasil. Seu território tem aproximadamente 2 100 km², o que faz de Mossoró o maior município em área do estado. Dista 280 Km de Natal, a capital do Estado. Segundo estimativas de 2019 sua população seria de quase 300.000 habitantes², sendo a segunda cidade mais populosa do Rio Grande do Norte (ficando atrás somente da capital) e o 93º de todo Brasil.

Estrategicamente localizada entre duas capitais, Natal e Fortaleza, que são interligadas pela BR 304, a cidade é uma dos polos regionais mais importantes do interior nordestino e viveu a partir dos anos 80 um intenso crescimento econômico devido a exploração de Petróleo em terra, a maior do Brasil e a fruticultura irrigada. Sendo que a mesma já era o maior centro de produção e refino de sal do Brasil, algumas indústrias de transformação e um dinâmico polo comercial e de serviços, com abrangência no interior do próprio Estado e estado vizinho como Ceará e Paraíba. O PIB per capita é um dos maiores do Nordeste, o que não se traduz em benefícios para a maioria. Festividades comemorativas, como o objeto de nosso trabalho, atraem grande número de visitantes, sendo o “Auto da liberdade” o maior espetáculo teatral ao

² <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rn/mossoro.html>. Consultado em 29 de janeiro de 2020.

ar livre do país. Atualmente, os governos locais têm investido bastante no “Mossoró, Cidade Junina”³, na época dos festejos de São João e na festa “Pingo do Meio Dia”, época de carnaval.

Importante centro cultural⁴, a cidade marca foi palco de vários eventos importantes como o Motim das Mulheres, o primeiro voto feminino da América Latina, por ter libertado seus escravizados cinco anos antes da Lei Áurea, e a resistência histórica ao bando de Lampião.

Ainda no Império, a cidade foi desmembrada do município de Assu em 1852 e tinha o nome de Vila de Santa Luzia de Mossoró. Hoje, é bem maior do que todas as cidades circunvizinhas, algumas bem mais antigas do que ela própria e constitui-se como principal polo regional do Oeste do Rio Grande do Norte.

Mossoró – Origem do Nome

O Nome de Mossoró é considerado bem exótico o que provoca sempre a pergunta: “De onde vem essa palavra?”. Mas o nome é de origem indígena. A versão mais aceita é a de que o nome vem dos primitivos habitantes da Região que eram os Índios Monxorós, da tribo Cariri. Uma segunda versão diz que a palavra vem de Mororó, árvore resistente e flexível da flora local. Por último, a palavra seria proveniente do termo “Moçoroka”, que seriam fissuras provocadas por erosão nas margens do Rio Apodi, que banha a região.

A Região era habitada pelos índios Monxorós, aparentados aos Tapuias ou Cariris, que foram evacuados da região por intrigas entre os próprios nativos. Intrigas essas que serviam aos interesses dos brancos que chegavam à região.

Por volta do Século XVII, durante a presença Holandesa (1630-1654), ocorreu um início de extração de sal na região. Extração essa gerenciada por Gedeon Morris de Jonge e Elbert Smiente até 1644. Gedeon Morris era o governante holandês da região do Ceará e teria sido morto em confrontos com os índios da região⁵.

³ <http://www.mossorocidadejunina.com.br/> Consultado em 29 de janeiro de 2020-01-29

⁴ <https://ecoviagem.com.br/noticias/ambiente/mossoro-e-transformada-na-capital-cultural-do-rio-grande-do-norte-3265.asp>

⁵ GIRÃO, Raimundo. *Matias Beck Fundador de Fortaleza*. Fortaleza, Imprensa Oficial do Ceará, 1961. 167 p.

A Cidade surgiu a partir de uma fazenda no Oeste da então Capitania do Rio Grande na segunda metade do Século XVIII.

Segundo o folclorista potiguar Luis da Câmara Cascudo:

“a Fazenda Santa Luzia “situava-se muito perto da margem esquerda do rio Mossoró e ao mesmo tempo da mata, tendo entre esta e o Rio uma lagoa de água potável. Era o ponto onde os adventícios escolhiam para residirem”. Com a construção da capela de Santa Luzia em 1772, dar-se a fixação do arraial, pois naquele ponto, além das casas residenciais da família do proprietário, erguiam-se dezenas de outras casas, todas de taipa e palha, sendo algumas cobertas com telhas de barro e outras com palha de carnaúba, na dispersão dos pequenos sítios perto das cacimbas cavadas periodicamente. A lagoa de água potável que existia no arraial, que ficava próximo aonde hoje se encontra a Igreja do Bom Jesus, no centro da cidade, fora aterrada durante a grande seca de 1877-78. Descrevendo a região, diz o mestre Cascudo: “ Os pereiros de verde intenso e obstinado alegravam a visão do povoado que uma mata de cedros sombreava. Esta mata de cedros constituiu pouso das primeiras feiras incipientes e “rancho” natural para os viajantes freqüentes e ocasionais. Viviam em 1870, robustos e ornamentais à margem esquerda do Mossoró, ponto de venda de algodão, delícia dos tabuleiros de doces, sombra macia a violência da reverberação solar, abrigando a conversa miúda dos miúdos acontecimentos locais”. (Notas e Documentos para a História de Mossoró – Coleção Mossoroense, 1955).

A descrição de Câmara Cascudo tem como base as impressões deixadas por Henry Coster, viajante inglês que fez uma viagem exploratória de Pernambuco ao Ceará entre 1810 e 1811, publicando seus relatos no livro: *Travels in Brazil*, em 1816. A obra obteve uma grande repercussão na Europa, com várias edições publicadas em diversas línguas. A primeira edição brasileira do livro, com tradução de Luís da Câmara Cascudo, foi publicada em 1942, com o título *Viagens ao Nordeste do Brasil*.

Em 13 de fevereiro de 1852 foi lida na Assembléia Provincial uma representação dos habitantes da freguesia de Santa Luzia de Mossoró, pedindo que se elevasse a povoação à categoria de vila e município. A Lei nº 246 de 15 de março de 1852, elevou o povoado à categoria de vila, com o título de Vila de Santa Luzia de Mossoró. Emancipou-se, politicamente, desligando-se do município de Assu, a quem era ligada até então. Em 9 de novembro de 1870, graças a um projeto do vigário Antônio Joaquim Rodrigues, então Deputado Provincial, a Lei nº 620 do mesmo ano conferiu-lhe as honras de cidade, com a denominação de Cidade de Mossoró ⁶.

A localidade já era importante polo de ligação entre litoral e interior do Oeste Potiguar. Sendo que a sua importância passa a se estender pelo interior das Províncias do Rio Grande do Norte, Ceará e Paraíba.

Ao longo de sua evolução política, a cidade chegou a ter dois distritos além da Sede: Baraunas e São Sebastião. Sendo que os dois últimos se emanciparam na segunda metade do Século XX.

Na passagem do Século XIX para o Século XX a cidade vê sua importância crescer na Região Oeste Potiguar. As principais atividades econômicas eram o polo comercial, pecuária, beneficiamento de algodão, óleo de oiticica e a atividade salineira. Entroncamento rodoviário e ferroviário, a cidade passa a sediar centros hospitalares, educacionais e seminários católicos que servem ao interior do Rio Grande do Norte, Ceará e Paraíba.

No final do Século XX, mais precisamente nos anos 80, a exploração de Petróleo faz do município e cidades vizinhas ostentarem a maior produção petroleira em terra do país. Essa atividade atrai, além de instalações da Petrobrás, várias empresas que prestam serviços nessa atividade extrativa, inclusive algumas Multinacionais.

A infra-estrutura da cidade é obrigada a se adequar a nova realidade, hotéis, pousadas, restaurantes e atividades complementares surgem em decorrência da nova riqueza mineral.

⁶ <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/riograndedonorte/mossoro.pdf> em 23 de janeiro de 2020.

Aspectos Geográficos



Fonte: <https://docplayer.com.br/66532667-Estudos-de-casos-mossoro-rn.html> em 29 de janeiro de 2020

Mossoró, Localização e Limites

Segundo o IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística em dados de 2017,⁷ o município pertence às Regiões Geográficas Intermediária e Imediata de Mossoró.^[7] Até então, com a vigência das divisões em microrregiões e mesorregiões, o município faz parte da microrregião de Mossoró, que por sua vez está incluída na mesorregião do Oeste Potiguar. Dista 281 quilômetros de Natal, capital estadual, 237 quilômetros de Fortaleza, Ceará (capital estadual mais próxima) e 1.977 quilômetros de Brasília, capital federal. Com uma área de 2 099,36 km², Mossoró é o maior município em extensão territorial do Rio Grande do Norte, e se limita com os municípios de Aracati (Ceará), Tibau e Grossos a norte; Governador Dix-Sept Rosado e Upanema a sul; Areia Branca, Serra do Mel e Assu a leste e Baraúna a oeste.

O relevo do município, com altitudes predominantes abaixo de cem metros, é formado pela Chapada do Apodi (que abrange terrenos cortados pelos rios Apodi-Mossoró e Piranhas-Açu e com tendência ligeiramente elevada), Depressão Sertaneja-São Francisco (terrenos entre a Chapada do Apodi e o Planalto da Borborema), depressão sublitorânea (terrenos de transição entre os tabuleiros costeiros e o Planalto da Borborema) e planícies fluviais (localizadas às

⁷ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2017). «[Divisão Regional do Brasil](#)». Consultado em 29 de janeiro de 2020.

margens dos rios).^{[43][44]} O ponto culminante do município é a Serra Mossoró, a dezesseis quilômetros da cidade, com altitude em torno dos 250 metros.⁸



Rio Mossoró, com a vegetação da caatinga hiperxerófila em suas margens.

Ibge - 1989

O Território do Município está todo situado na Bacia Hidrográfica do Rio Apodi ou Rio Mossoró. Os principais rios que cortam o município são o Apodi/Mossoró e do Carmo. Os principais riachos são o Bonsucesso, do Cabelo Negro, de São Raimundo e do Pai Antônio. Os maiores reservatórios, com capacidade igual ou superior a cem mil metros cúbicos de água (m³) são o Açude Favela (500 000 m³), as barragens Lagoa de Paus (264 000 m³), de Baixo (250 000 m³), Mossoró e Santana dos Pintos (ambos com capacidade para 100 000 m³).⁹

A Flora do município é predominantemente de caatinga hiperxerófila, formada por plantas de baixo porte adaptadas à seca, como o faveleiro, a jurema-preta e o mufumbo, além da vegetação halófila, com espécies adaptadas ao alto grau de salinidade (entre os quais o bredo e o pirixiu), e dos carnaubais, vegetação que possui a carnaubeira e a palmeira como espécies predominantes. Os principais tipos de solo são o cambissolo eutrófico, bastante fértil, com textura formada por argila e drenagem entre boa e moderada; o latossolo vermelho amarelo

⁸ «[Mapa Exploratório-Reconhecimento de solos do município de Mossoró, RN](#)» (PDF). Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. 1971. Consultado em 29 de janeiro de 2020.

⁹ «[Regiões Hidrográficas](#)». Agência Nacional de Águas – ANA. Consultado em 29 de janeiro de 2020

eutrófico, com grau de fertilidade entre médio e alto, média textura e drenagem entre boa e extrema; e a rendzina, com alta fertilidade, textura argilosa e drenagem entre imperfeita e moderada.^{[43][44]} Mossoró, junto com Baraúna, abriga o Parque Nacional da Furna Feia, área de preservação ambiental com 8 494 hectares de área e criado pelo decreto presidencial em 5 de junho de 2012 com o objetivo de preservar o bioma da caatinga local.¹⁰

Clima do Município

A Cidade apresenta clima semiárido, e é um dos municípios mais quentes do Rio Grande do Norte,^[49] (do tipo *Bsh* na classificação climática de Köppen-Geiger), com temperaturas podendo chegar aos 38 °C em algumas ocasiões, e a sensação térmica passar dos 40 °C. As precipitações se concentram em poucos meses do ano, especialmente entre fevereiro e maio, e ocorrem sob a forma de chuva, mais raramente de granizo,^[50] podendo também virem acompanhadas de raios e trovoadas e ainda serem de forte intensidade.^[51] Durante a tarde, em especial na estação seca, a umidade do ar despenca, muitas vezes para abaixo dos 30%, bem abaixo dos 60% considerados ideais pela Organização Mundial da Saúde (OMS).

Demografia

De acordo com o IBGE, no censo demográfico de 2010, a população de Mossoró era de 259 815 habitantes, sendo o segundo município mais populoso do Rio Grande do Norte, atrás apenas de Natal, o 19º do Nordeste e o 92º do Brasil, apresentando uma densidade populacional de 123,76 km². Desse total, 237 241 habitantes viviam na zona urbana (91,31%) e 22 574 na zona rural (8,69%). Ao mesmo tempo, 125 747 eram do sexo masculino (48,4%) e 134 068 do sexo feminino (51,6%), tendo uma razão de sexo de 93,79. Quanto à faixa etária, 60 970 pessoas tinham menos de 15 anos (23,47%), 182 408 entre 15 e 64 anos (70,21%) e 16 437 possuíam 65 anos ou mais (6,33%). Ainda segundo o mesmo censo, a população étnica era formada por 129 665 pardos (49,91%), 109 348 brancos (42,09%), 16 419 pretos (6,32%),

¹⁰ «DECRETO DE 5 DE JUNHO DE 2012: Dispõe sobre a criação do Parque Nacional da Furna Feia, nos Municípios de Baraúna e Mossoró, Estado do Rio Grande do Norte» Consultado em 29 de janeiro de 2020.

4 179 amarelos (1,61%) e 184 indígenas (0,07%), além de outros dezenove sem declaração (0,01%).¹¹

A população de Mossoró é diversificada e formada por migrantes de outras regiões brasileiras. No censo de 2010, da população total, 254 518 eram nascidos na Região Nordeste (97,96%), 2 746 no Sudeste (1,06%), 822 no Norte (0,32%), 660 no Centro-Oeste (0,25%) e 420 no Sul (0,16%), além de 503 sem especificação (0,19%). 233 718 habitantes eram naturais do Rio Grande do Norte (89,96%) e, desse total, 174 873 eram nascidos em Mossoró (67,31%). Entre os naturais de outras unidades da federação, havia 9 355 cearenses (3,6%), 7 819 paraibanos (3,01%), 1 853 paulistas (0,71%), 1 251 pernambucanos (0,48%), 930 baianos (0,36%), 568 maranhenses (0,22%), 499 piauienses (0,19%), 481 paraenses (0,18%), 433 fluminenses (0,17%), 385 mineiros (0,15%), 335 brasilienses (0,13%), 229 alagoanos (0,09%), 216 goianos (0,08%), 170 amazonenses (0,07%), 159 paranaenses (0,06%), 149 sergipanos (0,06%), 136 gaúchos (0,05%), 125 catarinenses (0,05%), 94 rondonianos (0,04%), 83 sul-mato-grossenses (0,03%), 74 capixabas (0,03%), 43 acrianos (0,02%), 34 roraimenses (0,01%) e 27 mato-grossenses (0,01%).^{[63][64]} Levando-se em conta a nacionalidade da população, 259 669 habitantes eram brasileiros natos (99,94%), 50 eram naturalizados brasileiros (0,02%) e 96 eram estrangeiros (0,04%).^[65] Havia ainda, 328 emigrantes internacionais, sendo 231 para a Europa (70,43%), 56 para a América do Norte (17,07%), 22 para outros países da América do Sul, nove para a Ásia (2,74%), cinco para a África (1,52%), quatro para a Oceania (0,61%) e um para a América Central (0,3%). Entre os principais países de destino estavam a Itália, com 44 emigrantes (13,31%), a Espanha, com 38 (11,59%), e Portugal, com 36 (10,98%).^[66] Para 2017, a estimativa populacional é de 295 619 habitantes.^[67]

O Índice de Desenvolvimento Humano do município é considerado alto, de acordo com dados do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. Segundo dados do relatório de 2010, divulgados em 2013, seu valor era de 0,720, sendo o terceiro maior do Rio Grande do Norte, atrás somente de Parnamirim (1º) e Natal (2º), e o 1 301º do Brasil. Considerando-se apenas o índice de longevidade, seu valor é de 0,811, o valor do índice de renda é de 0,694 e o de educação é de 0,663.^[13] De 2000 a 2010, o índice de Gini caiu de 0,57 para 0,52 e a proporção

¹¹ «[Tabela 2093 - População residente por cor ou raça, sexo, situação do domicílio e grupos de idade - Amostra - Características Gerais da População](#)». Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 2010. Consultado em 26 de janeiro de 2020.

de pessoas com renda domiciliar *per capita* de até R\$ 140 reduziu em 60,6%, passando de 35,4% para 14%. Em 2010, 86% da população mossoroense vivia acima da linha de pobreza, 9,1% entre as linhas de indigência e de pobreza e 4,9% estava abaixo da linha de indigência. No mesmo ano, o índice de Gini era de 0,52 e a participação dos 20% da população mais rica da cidade no rendimento total municipal era de 57,6%, valor quinze vezes superior à dos 20% mais pobres, que era de 3,9%.

4.2 O AUTO DA LIBERDADE

“Cultura é memória, pois é a cultura de uma sociedade que fornece os filtros através dos quais os indivíduos que nela vivem possam exercer o seu poder de seleção realizando as escolhas que determinam aquilo que será descartado e aquilo que precisa ser guardado ou retido pela memória porque, sendo operacional, poderá servir como experiência válida ou informação importante para decisões futuras.”

Yuri Lotman

O Auto da Liberdade é uma condensação de comemorações que já existiam e que apresentam fatos históricos que mostram as lutas libertárias do povo de Mossoró. Nele acontecem diferentes espetáculos teatrais sobre os quatro fatos mais representativos dessas lutas libertárias, que ocorreram em diferentes épocas e contextos entre a Segunda Metade do Século XIX e a Primeira Metade do Século XX. Em meu trabalho, procurei apresentar o que captei como jovem que viveu e comemorou esses eventos, muito embora, nos anos que vivi na cidade, tais comemorações eram vivenciadas de forma dispersa ao longo de cada ano. Na Década de 1970, os fatos mais comemorados eram a Abolição dos escravos e a Resistência ao Bando de lampião, sendo o Motim das Mulheres e Voto Feminino relegados a pequenas pontuações de professores em sala de aula memoriais. Para entendermos melhor esse evento se faz necessário explanar brevemente sobre a cidade de Mossoró, algo que faremos em parte adequada do trabalho.

Sendo assim, anualmente é celebrado o Auto da Liberdade, um evento que já faz parte do calendário do povo mossoroense, sendo dividido em quatro apresentações: o Motim das Mulheres, um protesto ocorrido em 31 de agosto de 1875 contra o Recrutamento para a Guerra

do paraguai, a Abolição da Escravatura que ocorreu em 30 de setembro de 1883, cinco anos antes da lei áurea, A Resistência ao Bando de Lampião em 1927 e o Primeiro Voto Feminino em 1928.

Tais Fatos Históricos criam na consciência popular mossoroense um certo grau de pioneirismo em lutas libertárias. Numa época em que o Racismo e o Machismo são questionados em vários níveis, isso se torna importante, pois dois dos fatos apresentam o protagonismo das mulheres e a Abolição mostra a luta dos escravizados pela liberdade.

Encenado preferencialmente ao ar livre, o Auto da Liberdade conta com a direção pioneira do renomado teatrólogo potiguar João Marcelino, o mesmo diretor do espetáculo Chuva de Bala no País de Mossoró. A produção conta preferencialmente com pessoas e materiais da própria cidade, sendo as vezes encenada ao ar livre em alguns anos no Teatro Dix-Huit Rosado.

Outras festas ocorrem em diferentes espaços da cidade como na Praça Santo Antônio, Praça do Conjunto Residencial Abolição IV, Praça do Bairro Belo Horizonte, Praça do Conjunto Residencial Nova Vida, Praça da Convivência e na Praça principal de Eventos da cidade. Todos fazem referência aos memoriais sobre a saga libertária do povo de Mossoró.

Por meio dessa teatralização são apontados os fatos mais importantes da história da cidade do Mossoró, compondo assim elementos importantes dessa construção de memória e de sua identidade evidenciada nos referenciais de pioneirismo nas lutas pelas liberdades em vários aspectos.

Além do Auto da Liberdade, no mesmo mês de setembro, a cidade conta com outros eventos na sua grade cultural, como o Seminário Novas Liberdades, Noite da Cultura, Show da Liberdade, Museu Sentimentos da Terra, Caminhada Histórica da Liberdade, Exposição de Fotografia Rememorando as Liberdades de Mossoró, Exposição de Arte Olhares Continentais e encerrando com o tradicional Cortejo da Liberdade.

Esse espetáculo ocorre todo ano nos dias que precedem o 30 de setembro, feriado municipal e celebra os quatro fatos que remontam ao pioneirismo da cidade em lutas libertárias como já supracitados. Essas comemorações visam valorizar o espírito pioneiro e libertário do povo, desenvolver na população uma identidade ligada as lutas. É bem obvio que as elites que se revezam no poder, usam tais memoriais em benefício próprio, pra justificar e perpetuar seu poder. Curioso é que os detentores do poder nas décadas mais recentes nada tiveram com tais lutas, pois a oligarquia Rosado só se tornou hegemônica bem depois dos fatos em questão.

É fato que, além de ensinar a História do Povo, que faz parte dessa festa, tudo torna-se em espaço que congrega lembranças e produz sentidos, também mostra ao povo de Mossoró a importância do seu passado, tal proposta é uma tentativa de legitimação da ideia de que a família Rosado tem a grande importância de ser "guardiã dessa História", no que poderíamos denominar de espetacularização da História e sua materialização no cotidiano, é a construção de uma “verdade histórica”, calcada no discurso da (re)afirmação e resistência.(Dantas, 2013 Silva, 2009). Esse discurso é bastante questionado nos meios acadêmicos e no ensino mais fundamental da cidade. Na Década de 1970, em minha passagem como aluno de ensino fundamental e médio, os professores já faziam sérios questionamentos ao papel da Oligarquia Vigente na tentativa de usar esse discurso de guardião desses memoriais.

Sendo assim, os festejos que tem o Auto da Liberdade como centro vêm contribuindo para tentativa de construir uma identidade libertária e de lutas para o povo de Mossoró, pois tais eventos ressaltam a representação da cultura de pioneirismo de uma comunidade, que luta por seus direitos com heroísmo próprio.

Concluimos que, a partir dessas encenações teatrais apresentadas no Auto da liberdade, vemos o objetivo em apresentar momentos significativos para a memória local e coletiva da população. Portanto, esse expressivo conjunto de festividades culturais vem sendo passada de geração em geração, desde a década de 1990, enfatizando a história e alguns fatos ao qual são elementos que contribuem para a formação da identidade local e a população toma para si como sua identidade.

4.2.1 OS FATOS HISTÓRICOS RETRATADOS NO AUTO DA LIBERDADE

“A experiência vivenciada pelos sujeitos e compartilhada pelos grupos com sua própria temporalidade sobrepõe-se assim ao tempo da alteridade, do estranhamento gerado pela distância temporal. A memória estende-se sobre a história.”

Paul Ricoeur

4.2.1.1 O Motim das Mulheres

Chama-se **Motim das Mulheres**, **Guerra das Mulheres** ou **Revolta das Mulheres** a rebelião que se deu a 4 de setembro de 1875 na cidade de Mossoró, no interior do Rio Grande do Norte. Naquele dia, cerca de trezentas mulheres saíram pelas ruas da cidade em passeata, com o objetivo de protestar contra o sistema de recrutamento para a Guerra do Paraguai. As mulheres fizeram de refém o escrivão de paz e em praça pública rasgaram o livro e os papéis que recrutavam os homens mossoroenses.

No que diz respeito a Luta das Mulheres, ainda não tínhamos grandes manifestações ou movimentos de massa das mesmas. Portanto, o movimento das Mulheres em Mossoró pode ser considerado anterior a luta das sufragistas na Inglaterra e em outras partes do Mundo. Devemos lembrar que esse movimento em Mossoró não foi pelo voto feminino. As mulheres se sentiram ultrajadas ao verem maridos e filhos subtraídos de suas famílias para uma Guerra distante de suas realidades. Ainda mais que tal recrutamento era feito sem nenhum critério de justiça.¹²

O Historiador Hobsbawm (2003) esclarece que a evolução do movimento de mulheres se deu, em grande parte, no pós-Revolução Industrial. A necessidade premente da indústria de conseguir mão de obra mais barata levou a introdução de mulheres nas fábricas europeias. Ocorreu assim uma mudança no rumo do padrão da sociedade, pois elas adicionavam um papel

¹² DORATIOTO, Francisco. *Maldita Guerra: nova história da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

a mais em suas seculares funções: além de filha, esposa e mãe, a mulher também assumiria a função de trabalhadora.¹³

O Movimento teve início quando o gabinete do Visconde do Rio Branco aprovou o regulamento do recrutamento para a Marinha e Exército. Tal regulamento teve repercussão desfavorável na Província do Rio Grande do Norte, onde várias comunidades se levantaram em sinal de protesto. As pessoas não desejavam que seus filhos fossem apanhados para o serviço militar, notadamente quando era sabido das intenções dos chefes políticos dominantes em darem sua preferência a filhos de adversários, como estava acontecendo em Mossoró. Desse modo, tomando conhecimento de levantes que estavam acontecendo em outros municípios, as mulheres mossoroenses promoveram uma manifestação e conseqüente passeata pelas ruas da cidade, rasgando os editais afixados na Igreja Matriz de Santa Luzia e dirigindo-se à casa do escrivão do juiz de Paz de quem tomaram e rasgaram o livro e papéis relativos ao alistamento. Partiram depois para a redação do jornal “**O Mossoroense**”, onde destruíram cópias dos mesmos que ali estavam para serem publicadas. Concluída a tarefa da destruição dos editais, as revoltosas partiram para a Praça da Liberdade, onde entraram em choque corporal com um grupo de soldados da Força Pública que ali estavam para dominar a rebelião. Algumas saíram feridas, não se agravando mais o movimento graças a interferência de pessoas neutras que foram ajudar a acabar com a confusão.

Liderando o movimento estava Ana Floriano, uma mulher forte, de olhos azuis, cabelos louros e estatura considerada acima do normal para o seu sexo, juntamente com D. Maria Filgueira, esposa do Cap. Antônio Secundes Filgueira e D. Joaquina Maria de Góis, genitora do historiador Francisco Fausto de Souza.

Logo após o movimento, o juiz de Direito, Dr. João Antônio Rodrigues, comunicou o fato ao presidente da Província, bacharel João Bernardo Galvão Alcanforado Júnior, que mandou instaurar inquérito contra a promotora do motim das mulheres, cuja peça processual desapareceu do arquivo do Departamento de Segurança Pública.

As mulheres ocuparam a Praça da Liberdade, onde entraram em luta corporal com os soldados que haviam sido enviados para dominar a rebelião, tendo como resultado algumas mulheres

¹³ HOBBSAWN, Eric. Era dos Extremos: o breve século XX. São Paulo: Companhia das letras, 1995.

feridas, só não assumindo consequências mais graves graças à interferência de outras pessoas que se encontravam no local.

Em seu depoimento, o Dr. João Antônio Rodrigues afirma que o movimento contou com um número de cinquenta a cem mulheres e que as mesmas eram lideradas por D. Maria Filgueira, mulher do capitão Antônio Filgueira Secundes, 3º suplente de juiz municipal deste Termo, juntamente com D. Joaquina de Tal e D. Ana de Tal, que mal aconselhadas por seus maridos e parentes cometeram o criminoso ato. O referido juiz não admitia que o movimento tivesse partido das mulheres e sim do capitão Antônio Filgueira Secundes, seu adversário político, que assim procedera para lhe prejudicar. Quanto ao número das revoltosas? “De cinquenta a cem mulheres”, foi o que ele disse para diminuir a gravidade do movimento. E quanto a D. Ana de Tal, tratava-se de D. Ana Floriano, assim chamada por ser esposa de Floriano da Rocha Nogueira, pais do jornalista Jeremias da Rocha Nogueira, fundador do jornal “**O Mossoroense**”.

O historiador Vingt-un Rosado, com o intuito de dirimir as dúvidas que envolviam o fato histórico, colheu depoimento de Francisco Romão Filgueira, prócer abolicionista de 1883, falecido a 7 de setembro de 1958, que havia presenciado o fato. Segundo o mesmo, o movimento teria contado realmente com cerca de trezentas mulheres e que as mesmas eram chefiadas por D. Ana Floriano.

As Líderes do Motim

Entre as líderes da revolta, estavam Joaquina de Souza, Maria Filgueira e Anna Rodrigues Braga, conhecida como Anna Floriano.

Apesar de ser uma figura de destaque na história de Mossoró, há poucas referências sobre Anna Floriano. A biografia mais aceita é de que fosse de nacionalidade portuguesa. Nem mesmo sobre sua morte há consenso. Teria ocorrido entre 1876 e 1881. Mas a descendência da líderrevoltosa continuou a fazer história. Seu filho, Jeremias da Rocha Nogueira, foi um dos fundadores do jornal O Mossoroense, que nasceu em 17 de outubro de 1872. O jornal é o terceiro mais antigo do Brasil e o quarto da América Latina ainda em atividade.

O Motim e outros movimentos da época

De acordo com o pesquisador Muirakytan de Macedo, professor de História do Ceres (Centro de Ensino Superior do Seridó), o Motim das Mulheres estava inserido em um movimento maior, a Revolta do Quebra-Quilos. Entre 1874 e 1875, "vilas inteiras do Norte rebelaram-se contra a implantação de um novo sistema métrico, saqueando feiras e destruindo pesos e medidas do comércio".

Para o historiador, "na verdade, o Quebra-Quilos foi a gota d'água entornada no caldeirão de novos impostos e novas regras de recrutamento", vistos com desconfiança pelo povo do Nordeste.

A verdade é que, nesse período entre 1874 e 1875, a população nordestina sentia o peso de resoluções arbitrárias tomadas pelo governo imperial no Rio de Janeiro. A mesma não se sentia representada pelos que controlavam o gabinete na capital. O Governo Imperial decretou em 1874 a adoção do Sistema Métrico Decimal. Tal medida governamental buscava disciplinar a confusão reinante nos pesos e medidas, que vigoravam desde a época colonial. Cada região tinha particularidades, principalmente na pesagem e metragem de mercadorias, o que prejudicava o comércio a nível nacional. As elites comerciais também não contribuíam pois aproveitaram a mudança no sistema de pesos e medidas para majorar preços de forma escabrosa. O "Quebra Quilos" teve início na Paraíba e se alastrou por Pernambuco, Alagoas e Rio Grande do Norte. Essa revolta generalizada na Região Nordeste teve uma expressiva participação feminina nas várias regiões. As mulheres, como donas de casa, eram as que tinham maior percepção da carestia provocada pelas novas mudanças na metragem e pesagem de produtos.

O Motim ocorrido em Mossoró não foi um caso isolado, tendo acontecido semelhante manifestação em outros pontos da Província. O que diferenciou o movimento de Mossoró dos demais, foi o fato de ter sido organizado e executado apenas por mulheres. Eram, em sua maioria, mães preocupadas com o destino dos filhos, envolvendo-se numa luta insana para proteger aqueles que amavam.

O Recuo do Governo Imperial

Diante de tamanha repercussão negativa, o Governo Imperial resolveu a adiar, sem prazo definido, o famigerado “sorteio”. Outras tentativas de fazer o recrutamento foram rechaçadas por movimentos semelhantes.

4.2.1.2 Pioneirismo na Abolição da Escravidão

A Escravidão no Rio Grande do Norte

Pesquisar acerca da escravatura no Rio Grande do Norte é um assunto complexo. A problemática surge tanto pelas limitações de fontes existentes, quanto pelas ideias já arraigadas entre a nossa sociedade sobre tão espinhoso assunto. É senso comum entre os potiguares de que “aqui quase não houve escravidão”.

Pessoas que se colocam como historiadores costumam relativizar a escravidão no Rio Grande do Norte como incipiente e mais “humana” do que nas demais regiões do país. Tal ideia distorcida e transmitida na atualidade, a muito já havia sido confrontada por Joaquim Nabuco em sua obra “O Abolicionismo”, como um pensamento existente na sociedade brasileira que tivemos uma escravidão pacífica e ordeira, com um cativo generoso, dócil e passivo. Esta teoria teria como base a ideia da “ausência do preconceito racial entre brancos e negros” e que gerou no Brasil uma pretensa democracia racial.

Mesmo com essa ideia de pretensiosa “mansidão” geradora de mitos em favor dos senhores de escravizados em terras potiguares, não se pode excluir o fato de que aqui não ocorreram as mazelas provocadas por este sistema.

Poucos Escravizados

Ao vermos os resultados do censo demográfico de 1872, o primeiro realizado no país, comprovamos que o número da população negra realmente não era muito representativo no Rio Grande do Norte. Nos resultados deste censo, em sua página 82, aponta que a população livre potiguar era de 220.959 pessoas e o número total de escravizados chegava a meros 13.020.

Tanto no sertão como no litoral o número de trabalhadores livres era mais elevado que o de escravizados.

Ao compararmos melhor os dados desse mesmo censo em 1872 a Paraíba, na época Parahyba do Norte, tinha 21.296 cativos, para uma população de 376.226 habitantes. No Ceará foram contados 31.913 escravizados para 721.686 pessoas livres e em Pernambuco havia 89.028 escravizados para 841.539 habitantes não escravizados. Tudo é uma questão de proporção pois o Rio Grande do Norte sempre foi uma das unidades menos populosas do Nordeste.

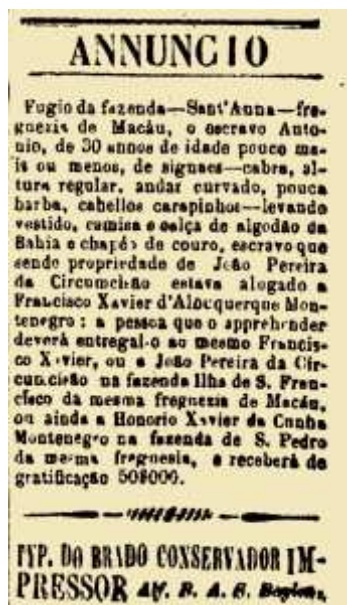
O número de escravizados diminuiu mais ainda por ocasião da grande e calamitosa seca ocorrida entre os anos de 1877 a 1879, que provocou sérios desarranjos nas atividades e teve como uma de suas consequências, a venda de uma grande parte dos escravizados potiguares para outras regiões do país, o número de cativos no Rio Grande do Norte e em outras províncias nordestinas diminuiu mais ainda.

Mas o universo do cotidiano destes escravizados por aqui, que nunca foi “manso”, parece não ter se modificado com fim da seca, pois, segundo anúncios publicados em jornais da época, cativos buscavam fugir de seus senhores.

Auxiliado pelo pesquisador Celso Augusto Soares Antas, organizador de uma expressiva coleção de antigos jornais potiguares, em seu escritório localizado no tradicional bairro carioca de Copacabana, nos enviou dois raros reclames que apresento em nosso trabalho, onde nos é dado conhecer um pouco mais do sofrimento dos nossos escravizados.

O Fugitivo com um Chapéu de Couro

Lendo o jornal “O Brado Conservador”, publicado na cidade de Assú, no dia 23 de setembro de 1881, nos informa que na fazenda “Sant’Anna”, evadiu-se um escravizado que atendia pela graça de Antônio.



“O Brado Conservador”, publicado na cidade de Assú, no dia 23 de setembro de 1881

Este escravizado pertencia ao Senhor João pereira da Circuncisão e estava “alugado”, ao Senhor Francisco Xavier de Albuquerque Montenegro. Estes senhores tinham propriedade no lugar Ilha de São Francisco, em Macau.

O Escravizado Antônio, de “30 annos de idade, pouco mais ou menos”, é referido no anuncio primeiramente como “cabra”, de acordo com a “Grande Enciclopédia Delta Larousse”, página 1.166, edição de 1978, designa “Descendente de mulato com negro; mulato escuro”. Na sequência o fugitivo teria “altura regular” (cerca de 1,70 m.), andava curvado, tinha o cabelo “carapinho” (daqueles que nascem espiralados desde a raiz), vestia camisa e calça brancas, de “algodão da Bahia”¹⁴, e havia um aspecto sertanejo na sua indumentária, pois Antônio protegia a cabeça com um tradicional “chapéu de couro”.

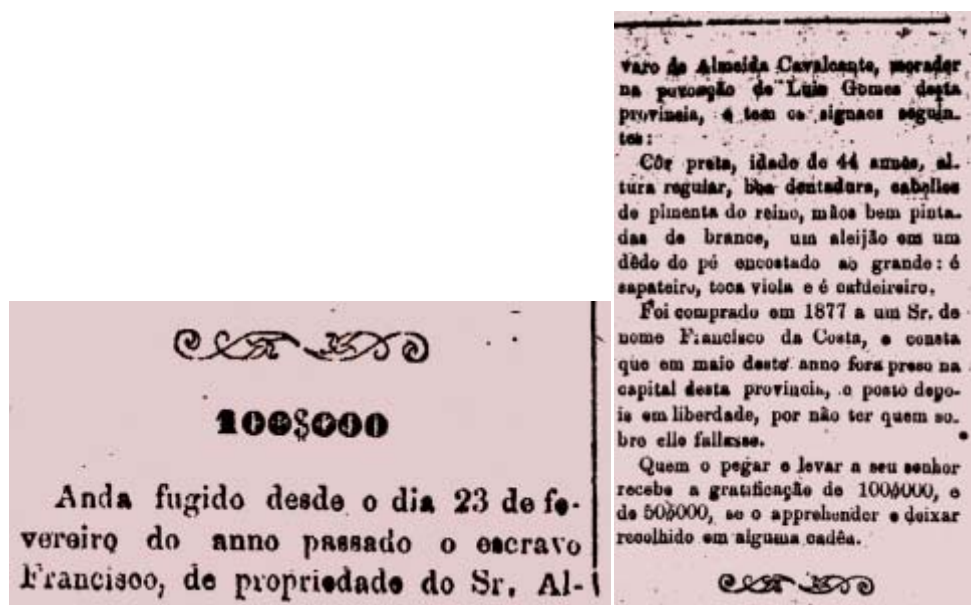
O proprietários solicitava que quem o capturasse o entregasse na fazenda Ilha de São Francisco, em Macau, ou na fazenda São Pedro, de propriedade do Senhor Honório Xavier da Cunha Montenegro, provavelmente irmão do Senhor Francisco Xavier. A recompensa pela captura do fujão era de 50\$000 réis.

¹⁴ Algodão grosseiro, de pouco valor comercial usado para sacos de açúcar e vestimentas para escravizados.

Na Década de 1880, na vizinha província do Ceará já existiam locais onde ocorriam manifestações em favor da libertação dos escravizados e em 1884 esta torna-se a primeira província brasileira a abolir a escravidão. Pode ser que a fuga de Antônio e de outros escravizados nas províncias vizinhas se deva a essa tendência cearense de abolir a escravidão. Mas isso é apenas uma conjectura. Fugas de escravizados eram comuns em todo o período da escravidão no Brasil.

Um Violeiro Que Enganou a Polícia em Natal

A outra nota se dá também no ano de 1881, mas no dia 29 de dezembro, dando conta que já fazia quase dois anos, que um cativo de nome Francisco estava foragido da então povoação de Luís Gomes, no extremo oeste potiguar. O referido escravo pertencia ao Senhor Álvaro de Almeida Cavalcanti, que aparentemente seria proprietário das terras da fazenda Lagoa de Cima, próximo a atual área urbana de Luís Gomes.



Fonte: jornal “O Brado Conservador”, cidade de Assú, 23 de setembro de 1881

A descrição deste escravo (como o leitor pode ver no anúncio ampliado clicando na foto) é bem interessante. Francisco era um adulto de 44 anos, altura regular, bons dentes, etc. Mas salta aos olhos o termo “mãos bem pintadas de branco”. Creio que a nota queria dizer que, além das palmas das mãos de Francisco ser bem claras, não seriam mãos rudes, cheias de calos, de quem

pegava todo o dia no cabo da enxada. Mas seriam mãos de quem tinha de ter destreza e apuro com ferramentas necessárias a função de um sapateiro, de um caldeireiro (certamente de um engenho de rapadura, onde ele deveria preparar e limpar a garapa da cana-de-açúcar para fazer a rapadura batida), e de um tocador de viola. Estas, segundo a antiga nota de “O Brado Conservador”, eram as aptidões do escravo fujão.

Consta que o fugitivo foi comprado pelo Senhor Álvaro três anos antes de sua fuga, no ano de 1877, em plena seca. Talvez seu antigo dono Francisco da Costa, se desfez da sua “peça” por dívidas contraídas no período da grande estiagem, ou porque seu escravo dava muito trabalho pela sua rebeldia.

Sabemos através da nota que Francisco não era aquele tipo de escravo destinado apenas a enxada e que certamente ele tinha capacidade de compreender a lógica escravocrata do mundo dos brancos. Pois em maio de 1881, um ano e três meses depois de fugir de Luís Gomes, ele esteve em Natal.

Na época a capital potiguar não tinha nem 20.000 almas, com estradas que faziam com que a tarefa de seguir para Luís Gomes não fosse uma viagem, mas uma jornada, quase uma expedição (atualmente esta cidade está distante de Natal, no asfalto, 444 quilômetros). Independente desta questão, consta que em Natal ninguém “reclamou” a sua pose e ele saiu livre.

Não é difícil imaginar como Francisco pode ter utilizado de uma boa “conversa” e, quem sabe, de alguns acordes da viola para convencer as autoridades que era um homem livre. Provavelmente a notícia da detenção de seu escravo deve ter chegado ao conhecimento de seu amo na povoação de Luís Gomes e este estava estampando nos jornais uma recompensa de 100\$000 mil réis para que o levasse ao seu “Senhor” e 50\$000 mil réis para quem o largasse em alguma cadeia.

Importância dos Anúncios

Estes anúncios seriam uma das poucas fontes para o conhecimento e o entendimento do cotidiano dos cativos.

Segundo o diplomata e historiador Alberto da Costa e Silva, que prefaciou o excepcional livro “O escravo nos anúncios de jornais Brasileiros do século XIX”, do sociólogo pernambucano Gilberto Freyre, este autor foi um dos primeiros “a alertar para a riqueza desses anúncios como fonte documental para nos aproximar do universo e do cotidiano dos escravizados”. Neste livro Freyre utilizou estes anúncios para mostrar como se dava as relações entre os escravizados e seus senhores, os tipos de ocupações que os cativos exerciam, a forma como estes escravizados eram apresentados e outros pontos. Gilberto Freyre teria se debruçado nas páginas amareladas de jornais como Diário de Pernambuco (Recife), Jornal do Commercio (Rio de Janeiro) e teria conseguido reunir dez mil anúncios ao final de sua pesquisa.

O trabalho é realmente interessante e, ao longo de suas mais de 250 páginas, o leitor é transportado através dos anúncios para aquele universo de opressão que permeou a história do Brasil e até hoje sofremos as consequências.

Em uma recente ocasião, ao debater com um estudioso potiguar sobre a escravatura em terras potiguares, ele me transmitiu que em sua opinião, devido ao número limitado de escravizados que aqui existiu, não teria ocorrido tantas violências contra estes. Segundo esta pessoa, no Rio Grande do Norte os senhores de terras eram diferentes dos “malévolos escravocratas do sul do país e da Bahia” e que, devido a este bom tratamento dispensado aos cativos, se criou por aqui uma certa “escravidão mansa”.

Tal ideia distorcida e a mim transmitida na atualidade, a muito já havia sido apontada pelo grande Joaquim Nabuco em sua obra “O Abolicionismo”, como um pensamento existente na sociedade brasileira que tivemos uma escravidão pacífica e ordeira, com um cativo generoso, dócil e passivo. Esta teoria teria como base a ideia da “ausência do preconceito racial entre brancos e negros” e que gerou no Brasil uma pretensa democracia racial.

A Abolição em Mossoró

Sobre a história da abolição da escravidão no Município de Mossoró, a abordagem histórica predominante tenta omitir os fatos que refletem as causas do processo abolicionista na cidade, e assim, não faz referências ao período imediatamente anterior à abolição dos escravizados entre nós. Esta deficiência de abordagem revela uma produção historiográfica que não prioriza a contextualização do acontecimento em seus aspectos econômico, social e político, e isto dificulta a compreensão real daquele período histórico.

A disseminação do movimento pela abolição não encontrou proprietários de escravizados receosos de perderem seu patrimônio, ou exigindo indenização para libertar seus escravizados. Não se sabe de depoimentos de políticos no âmbito local que fossem contrários ao abolicionismo. Documentou-se, no entanto, como uma das primeiras adesões à causa abolicionista a do presidente da Câmara Municipal de Mossoró Romualdo Lopes Galvão, fiel participante da campanha. Constatações que são reforçadas em parte pela condição econômica da cidade que às vésperas da abolição vivia fundamentalmente do comércio. A base dos seus negócios como peles, carne seca, algodão, couro, sal entre outros.

A Cidade de Mossoró, nessa época, já havia conquistado a condição de empório comercial; até mesmo as secas na região contribuíram para a expansão das atividades do comércio local desde que os socorros da parte do governo para a população flagelada eram concentrados para a distribuição em Mossoró, e a presença dessa população faminta serviu de opção aos comerciantes de Mossoró como força de trabalho barata.

Levando-se em conta que o comércio desenvolvido em Mossoró mantinha uma relação com a produção regional, e que a burguesia comercial sediada em Mossoró mantinha negócios no setor rural, chegamos a presumir que as atividades desenvolvidas no campo estivessem mais relacionadas ao trabalho escravo. Neste sentido, procuramos observar o desenvolvimento da cotonicultura que, no período bem recente ao da abolição da escravidão, aparece como uma das principais fontes de riqueza na província do Rio Grande do Norte. Cultivado principalmente nas terras do Sertão e Agreste, foi neste período o principal produto comercializado em Mossoró para várias outras regiões do Brasil, e até mesmo para o exterior. Ao analisar o algodão no quadro da economia do Rio Grande do Norte, Takeya focaliza as relações de trabalho que mais corresponderam às circunstâncias da região e da produção. Segundo a autora, o algodão se

incluía entre as culturas de ciclo vegetativo curto, e por seu plantio incidir em regiões onde a seca era uma constante, se tornou inviável o uso do trabalho escravo.

Estas e outras condições não permitiram que a utilização da mão-de-obra escrava proliferasse, o que ocorreu também na economia criatória que deu origem ao povoamento e à evolução de Mossoró. Mesmo se confirmando a presença do escravo nas fazendas de gado, esta presença não veio a tornar-se indispensável para o desenvolvimento das atividades daquelas unidades de produção. Além da criação de gado, teve lugar nas fazendas outras atividades que dependiam desta principal, tais como: a indústria da carne seca e o ciclo do couro. Todas contribuíram direta ou indiretamente com vultosos lucros para os seus proprietários, os quais, por esta época, em sua maioria, eram também comerciantes em Mossoró. Estas e outras atividades do cotidiano da fazenda eram assumidas por trabalhadores livres com presença sempre mais numerosa que a dos escravizados

Com todas estas condições os habitantes das fazendas mantiveram uma convivência neste espaço de moradia e trabalho que fez desaparecer a fiscalização rígida e a utilização dos castigos tão comuns, os quais eram aplicados aos escravizados rebeldes dos canaviais ou cafezais.

Em verdade, a província do Rio Grande do Norte não chegou a possuir grande número de escravizados. Até mesmo no período de ascensão da produção açucareira que ocorreu entre as décadas de quarenta e sessenta, não há registros que comprovem ter o trabalho compulsório predominado nos engenhos de açúcar dos vales do Ceará-Mirim, São José de Mipibu, Canguaretama e São Gonçalo. Assim sendo, a mão-de-obra escrava não foi uma determinante na vida econômica das fazendas criatórias. Estando longe de se tornar a principal nos engenhos de açúcar ficou ainda mais marginalizada durante o período em que o algodão tomou conta das terras do Rio Grande do Norte. Estas constatações encontram respaldo nos estudos de Câmara Cascudo, quando ao referir-se à população escrava do Rio Grande do Norte durante a década de sessenta, enumerou a quantidade de escravizados retidos nas cidades de Natal, Extremoz, Goianinha, Angicos, Príncipe, São José de Mipibu, Mossoró e Touros. O referido autor afirmou ainda que eles eram em menor número comparados ao restante da população livre, e mesmo em São José de Mipibu, local de maior produção de açúcar, o escravo não foi o principal trabalhador naqueles engenhos. Ainda mais, ao comparar a população escrava da cidade de

Mossoró com a dos demais locais, constatou que os escravizados concentrados em Mossoró nesta época era o menor grupo em toda a província, depois tinha apenas a cidade de Touros.

Presumimos então que os proprietários de escravizados da província do Rio Grande do Norte, como talvez tenha ocorrido em toda a região Norte, insistiram em permanecer com seus escravizados até quando as condições ambientais e materiais favoreceram. Quando as secas constantes impossibilitaram a criação e a plantação, o escravo tornou-se um peso, um gasto a mais. Nesta situação, e diante dos preços que os cafeicultores passaram a oferecer na compra dos escravizados durante as décadas de sessenta e setenta, a diminuição da população escrava principalmente na região Norte foi drástica. O escravo que já não era a força motriz da economia desta região foi valorizado na forma de mercadoria, resgatando ao senhor o valor do investimento pela sua compra. Dessa forma, o tráfico inter-regional serviu, de alguma maneira, para que os proprietários de escravizados do Norte emancipassem seus escravizados sem prejuízos, aproveitando-se da vigência deste comércio e da cotação por escravizados que esteve sempre favorável.

Tais circunstâncias citadas justificam porque na cidade de Mossoró o movimento abolicionista que foi iniciado em janeiro de 1883 conseguiu, em menos de um ano, em 30 de setembro de 1883 decretar o fim da escravidão. Os abolicionistas foram favorecidos pelas condições locais, onde praticamente não houve reação à realização dos seus objetivos. A abolição dos escravizados sendo efetivada antes da Lei Áurea, trouxe de volta a atenção da nação para o Norte, com seus personagens e cidades antecipando-se aos centros mais importantes do país, colocando estes abolicionistas na vanguarda da libertação de uma população oprimida e injustiçada.

Teve outra condição que favoreceu ao surgimento dos chamados abolicionistas de última hora, foi o fim do tráfico interno dos escravizados. Enquanto o porto de Fortaleza controlou a exportação de escravizados para a região do café, traficantes como Joaquim Filgueira Secundes e João Cordeiro, entre outros, contribuíram e lucraram com o comércio de escravizados. E quando ocorreu a interdição do referido porto, entre outros fatores, como consequência do aumento do imposto sobre os escravizados comercializados nas províncias cafeeiras, estes tornaram-se abolicionistas, ganhando na historiografia local a condição de heróis por lutarem e consolidarem a abolição dos escravizados em Mossoró.

No dia 30 de setembro de 1883: cinco anos antes da Lei Áurea, Mossoró liberta todos os seus escravizados, tornando-se a sexta cidade do Brasil a abolir a escravidão antes do decreto da princesa Isabel, em 1888. Celebrado na última sexta-feira, 30, o fato ganha ainda mais destaque devido Mossoró ser atualmente a única cidade do país a comemorar a libertação antecipada de seus escravizados.

Segundo o historiador Geraldo Maia¹⁵, nem mesmo as cidades que aboliram a escravidão antes de Mossoró ainda celebram a data. "Nem mesmo no Ceará, estado responsável por primeiro abolir seus escravizados, há mais comemoração, somente em Mossoró. Isso pode ser atribuído ao fato de que em Mossoró a libertação não ocorreu por imposição, por lei, e sim, através de um acordo da população, que envolveu toda a sociedade, por isso até hoje esse episódio se mantém vivo na memória dos mossoroenses", explica.

Ainda Segundo Geraldo Maia, a Sociedade Libertadora estabeleceu uma meta para alcançar seu objetivo de libertar todos os escravizados que viviam em Mossoró. "Foi instituído o 30 de setembro para que até esse dia os 86 escravizados que aqui existiam fossem libertos. E o objetivo foi alcançado. Já no mês de junho, em sessão especial realizada na Loja Maçônica 24 de Junho, 40 escravizados foram alforriados", destaca o historiador, acrescentando: "Na época Mossoró possuía poucos escravizados, já que mantê-los era bem caro naquele período, e muitas pessoas não faziam questão de libertá-los, somente alguns fazendeiros que reivindicam indenização pela alforria", diz.

Com a Abolição antecipada, Mossoró passou a receber uma quantidade significativa de escravizados que fugiam de outros municípios. "Um ponto interessante é aqui na cidade, os escravizados libertos continuaram vivendo nas fazendas, não mais como cativos, e sim como funcionários, remunerados. Ou seja, foi um movimento organizado, diferente do aconteceu com a Lei Áurea, quando os escravizados foram expulsos das fazendas, tornando-se marginalizados", afirma Geraldo Maia.

¹⁵ Maia do Nascimento, Geraldo. Mossoro Na Trilha Da Historia – Anotacoes, Ed Sebo Vermelho, 2014

A partir de então, o dia 30 de setembro passou a ser a grande data cívica mossoroense. Em 1913, através da Lei nº 30, é declarada a data como feriado municipal.

4.2.1.3 A Resistência ao Bando de Lampião

As primeiras menções ao Cangaço remetem as ações de Jesuíno Alves de Melo Calado, conhecido como “Brilhante”. Brilhante atuou como bandoleiro do cangaço ainda na década de 1870, e muitas lendas romantizadas e folclóricas nasceram em torno de sua figura. Mas foram os cangaceiros atuantes no século XX que tiveram maior fama, inspiraram maior terror e produziram maior impacto sobre a sociedade nordestina.

É bom ressaltar que a prática do cangaço está associada também a questões econômicas e sociais que sempre assolaram o Nordeste do Brasil. A onda de **secas** prolongadas pela qual o Nordeste passou, como a de 1877 e a de 1915, dizimou um número muito grande de pessoas, além de provocar a migração de muitas outras e a evolução da miséria entre os que lá permaneceram. Esse clima de caos social e econômico levou ao surgimento, durante a República, das formas de política **clientelista** e **coronelistas**, isto é, o estabelecimento de relações de dependência direta entre a população humilde e miserável com os grandes proprietários de terras dessas regiões.

Em meados das décadas de 1920 e 1930, diversas reações ao sistema coronelista foram vistas no Nordeste. O cangaço foi uma delas. Nomes como Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião, Cristino Gomes da Silva Cleto, o Corisco, e José Ribeiro Filho, Zé Sereno, foram os principais cangaceiros dessa época. Cada um deles tinha o seu próprio bando, que atuava em regiões específicas do sertão. Os enfrentamentos principais dos cangaceiros eram contra as tropas oficiais dos estados e contra as tropas de jagunços (mercenários contratados por fazendeiros).¹⁶

Com a morte de Lampião, em 1938, no Sergipe, por tropas do estado, cangaceiros como Corisco e Zé Sereno houveram por bem se entregar às forças do Estado Novo varguista, em prol da absolvição dos crimes e da anistia.

¹⁶ Nonato, Raimundo. Lampião em Mossoró. Fundação Vingt-un Rosado, 2015

O Ataque de Lampião e a Resistência em Mossoró

No ano de 1927, Mossoró já ostentava a posição de centro regional no interior do Rio Grande do Norte. Sua economia girava em torno do comércio, do sal e do beneficiamento do algodão.

Sendo, portanto, o alvo perfeito para a investida de um bando de cangaceiros salteadores, ávidos por riquezas a saquear.

Muitos dizem que a ambição de Lampião o cegou da possibilidade de uma resistência tenaz por parte dos mossoroenses, que teriam muito a perder rendendo-se aos caprichos do bandoleiro.

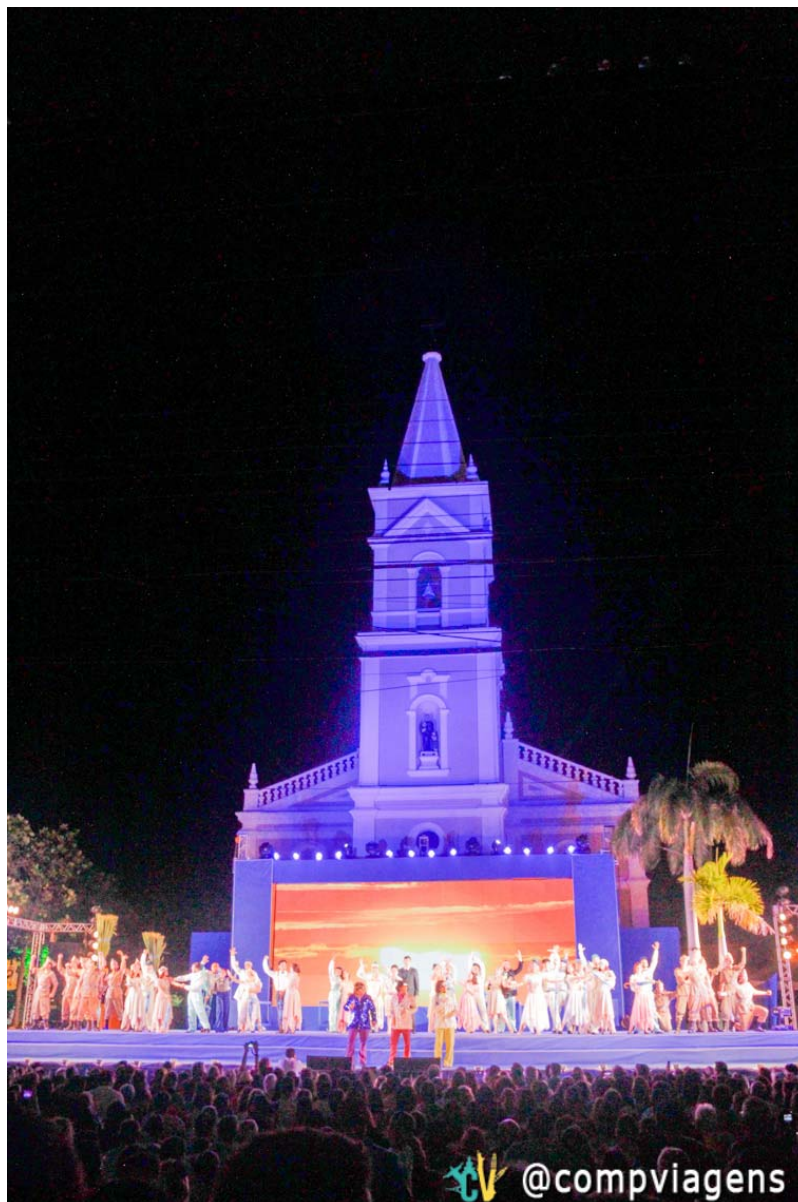


Igreja São Vicente - Uma das trincheiras para impedir que Lampião invadisse Mossoró

Fonte: Acervo Foto Flex

Dia 13 de junho de 1927, após dizer não a Lampião, que cobrou 400 contos de reis (em moeda da época 400 milhões de reis – atualmente uns 20 milhões de reais) para não invadir a cidade, começava um tiroteio entre moradores da cidade e os cangaceiros, que se dividiram em 03, forçando a cidade a levantar várias trincheiras, sendo as principais: a Estação Ferroviária, hoje uma casa de cultura; a sede da prefeitura, hoje Palácio da Resistência e a trincheira no

Campanário da Capela de São Vicente de Paula, que Lampião denominou de “ Igreja da Bunda Redonda” .



Chuva de Bala no País de Mossoró é apresentado em frente a Igreja São Vicente, onde o fato histórico aconteceu

Fonte: Acervo Foto Flex

No dia 13 de junho de 1927, Mossoró, no Rio Grande do Norte, entrou para história como a primeira cidade nordestina (alguns relatos dizem que foi também a única) a expulsar o bando

do cangaceiro Lampião, com a participação do povo. Esta história de resistência do povo mossoroense é recontada, todos os anos, no espetáculo “Chuva de Bala no País de Mossoró”, apresentado durante o Mossoró Cidade Junina. A encenação chegou a 16ª edição, celebrando os 90 anos do acontecimento, que ainda hoje é motivo de orgulho para a cidade. O espetáculo é uma superprodução que conta com 76 artistas mossoroenses e quase 150 profissionais na produção e é encenada em frente à Igreja de São Vicente, onde o combate realmente aconteceu.

Mossoró é a segunda maior cidade do Rio Grande do Norte e, é considerada a “capital cultural do estado” e além da tradição em realizar grandes eventos culturais, tem artistas muito talentosos. A apresentação do Chuva de Bala acontece dentro da programação do Auto da Liberdade.

O espetáculo é uma adaptação do texto do poeta e escritor potiguar Tarcísio Gurgel e a cada ano ganha uma nova roupagem. A produção é genuinamente potiguar com direção de João Marcelino, e não deve em nada a nenhum outro grande espetáculo nacional. A apresentação é ao ar livre, na frente da igreja e é gratuita.

Este ano, a inovação do espetáculo ficou por conta da utilização de elementos multimídia. Ficou muito interessante uma mistura de teatro, cinema e musical. Além do painel de LED, com a exibição dos vídeos de curta metragem com gravações externas com os próprios atores do espetáculo, o único “cenário” é o adro da Igreja de São Vicente, local onde o fato histórico aconteceu. A torre da igreja foi usada como trincheira, o que fez Lampião, que era muito religioso, acreditar que “em Mossoró, até os santos atiravam”. A atuação dos atores, a música, iluminação e a beleza dos figurinos são mais que suficientes para prender a atenção da plateia por 1h30 de espetáculo. Acho, que as fotos dão uma ideia melhor da beleza do espetáculo.



Espectáculo conta com 76 atores mossoroenses e envolve cerca de 150 pessoas na produção

Fonte: @compviagens

O ponto alto da encenação, claro, é a “chuva de bala”, que teria durado por quase 2 horas, no embate entre cerca de 80 cangaceiros e 200 mossoroenses. O tiroteio deixou ferido o cangaceiro Jararaca, que era um dos mais importantes e cruéis membros do bando de Lampião e depois foi enterrado vivo em Mossoró. O curioso é que, hoje em dia, Jararaca se tornou uma espécie de “santo” porque, antes de morrer, ele teria se arrependido dos seus crimes e o túmulo dele é o mais visitado no Dia de Finados no cemitério de São Sebastião, em Mossoró. Inclusive, pessoas de outros estados viajam até o município para pagar promessa com a visita ao túmulo do cangaceiro.



Morte do cangaceiro Jararaca é um dos pontos altos do espetáculo

Fonte: @compviagens

Quem tiver interesse em conhecer mais sobre a história de Resistência de Mossoró, pode visitar o Memorial da Resistência, que fica por trás da igreja.



As Viúvas dos enfrentamentos

Morte de Lampião

Depois da expulsão de Mossoró, o bando de Lampião ainda continuou tocando terror pelo Nordeste até 28 de julho de 1938, quando ele, Maria Bonita e mais 9 cangaceiros foram mortos e tiveram suas cabeças arrancadas (alguns ainda em vida), na Grota do Angico, no município de Poço Redondo, em Sergipe.¹⁷

E assim vimos o espetáculo mais esperado pelo povo e o de maior público. Pode não ser a maior conquista política dos mossoroenses, mas devido ao clima do acontecimento é o que, de longe, atrai mais atenção.

4.2.1.4 Primeiro Voto Feminino da América Latina

A partir do Iluminismo, o ideal ocidental da cidadania plena baseada nos princípios de liberdade, participação e igualdade para todas as pessoas serve como parâmetro para o julgamento da qualidade da cidadania em um país.

Ao longo do século XIX tivemos várias lutas por direitos. Homens brancos e ricos já foram os únicos portadores de direitos civis, políticos e sociais. Percebendo essa estrutura de poder, a luta pelo sufrágio universal se dá pela busca do reconhecimento de todas as pessoas enquanto indivíduos cidadãos.

De acordo com Geneviève Fraisse e Michelle Perrot, na obra “História das mulheres no Ocidente”, os movimentos feministas do século XIX e início do século XX buscavam a transformação da condição da mulher na sociedade através, principalmente, da luta pela participação na cena eleitoral. De fato, essa é uma das primeiras pautas dos movimentos de mulheres capaz de se difundir pelo mundo industrializado ou em industrialização.

A partir da Europa, a luta das sufragistas se misturava à luta do movimento operário contra a exploração dos trabalhadores, atuando nos partidos de esquerda, socialistas e comunistas. A

¹⁷ Mello, Frederico Pernambucano. Apagando o Lampião – Vida e Morte do rei do Cangaço. Global Editora, 2018.

Nova Zelândia, em 1893, e a Finlândia, em 1906, foram os primeiros países a reconhecer o direito das mulheres ao voto.

Contexto Brasileiro

Nosso país poderia ter sido a primeira nação do mundo a aprovar o sufrágio feminino. No dia 1º de janeiro de 1891, 31 constituintes assinaram uma emenda ao projeto da Constituição conferindo direito de voto à mulher. Tal emenda foi rejeitada. A ideia de mulheres atuando na esfera pública fora rejeitada por séculos em todo o mundo e levaria algumas décadas para que os mais elementares direitos fossem obtidos, ainda que mais no papel do que na prática.¹⁸

Durante o Período Regencial, em 1832, **Nísia Floresta** publicou “Direitos das mulheres e injustiças dos homens”, artigo em que exigia igualdade e educação para todas. Segundo Nísia, a situação de ignorância em que as mulheres eram mantidas era responsável pelas dificuldades que enfrentavam. Submetidas a um círculo vicioso, não tinham instrução e não podiam participar da vida pública; não participando da vida pública, continuavam sem instrução.

A ativista pelos direitos das mulheres também realizou conferências defendendo a emancipação dos escravizados, a liberdade de culto e a federação das províncias sob um sistema de governo republicano.

O Estado do Rio Grande do Norte foi o primeiro a conceder o voto à mulher: em 1927, lá foi registrada a primeira eleitora, a professora mossoroense **Celina Guimarães Viana**, que requereu o alistamento baseada no texto constitucional do estado que mencionava o direito ao voto sem distinção de sexo.

Infelizmente, na primeira eleição em que as mulheres votaram, seus votos foram anulados por decisão da Comissão de Poderes do Senado Federal, em 1928, sob a alegação de que era necessária uma lei especial a respeito. Em seguida, o estado elegeu, em 1929, a primeira prefeita da América do Sul, **Alzira Soriano**, na cidade de Lajes.

¹⁸ AZEVEDO, Josephina Alvares de. O voto feminino. In: A mulher moderna: trabalhos de propaganda. Rio de Janeiro: Montenegro, 1891. p. 31-73.

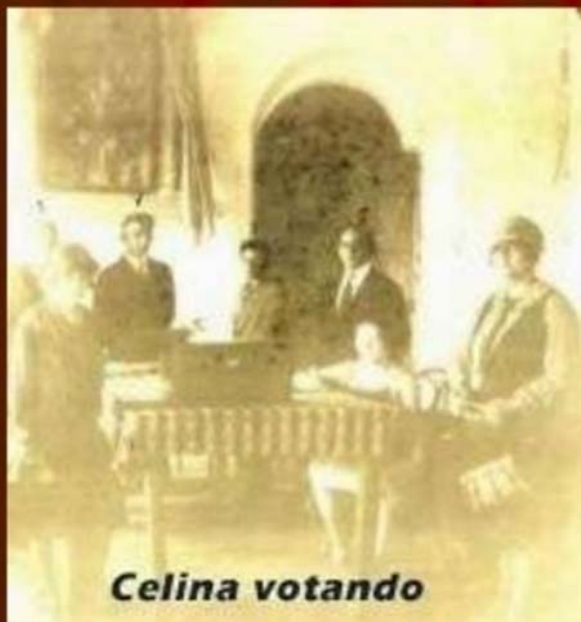
Antevendo conflitos entre a legislação estadual e a federal, o então governador do Rio Grande do Norte, José Augusto Bezerra de Medeiros, sancionou a Lei nº 660, de 25 de outubro de 1927, que estabelecia não haver mais “distinção de sexo” para o exercício eleitoral. O Rio Grande do Norte foi o primeiro estado a regular o “Serviço Eleitoral no Estado”.

No ano de 1927, **Israel Ferreira Nunes**, natural de Luiz Gomes/RN, concluiu sua formação de Bacharel na Faculdade de Direito do Recife/PE, e foi nomeado **Juiz Municipal da Comarca de Areia Branca**, onde deixou descendência. Era também o Juiz Substituto da Comarca de Mossoró, onde teve a oportunidade histórica de deferir a petição da professora natalense Celina Guimarães Viana, requerendo sua inclusão no rol de eleitores para votar na eleição de Senador em 5 de abril de 1928 na cidade de Mossoró, onde ela residia e lecionava. O *Juiz Israel Nunes* deu parecer favorável ao título da eleitora e enviou telegrama ao presidente do Senado Federal, pedindo em nome da mulher brasileira, a aprovação do projeto que instituía o voto feminino, amparando seus direitos políticos reconhecidos na Constituição Federal.¹⁹

Ainda que *Celina Viana* tenha requisitado seu alistamento eleitoral em 25 de novembro de 1927, três dias depois que a natalense Júlia Alves Barbosa se inscreveu para votar em Natal, por ter sido inscrita por intermédio de seu marido, o influente advogado e professor paraibano, Eliseu de Oliveira Viana, *Celina* teve o seu requerimento despachado com mais rapidez, a ponto de ser publicado antes do requerimento de *Júlia* no Diário Oficial do Estado.

¹⁹ Bezerra, Maria. Emancipação Política da Mulher Potiguar. UFRN, 2011

PRIMEIRA MULHER A VOTAR NO BRASIL



Celina votando



CELINA GUIMARÃES

Fonte: Acervo Manuelito Fotos

5. APLICAÇÃO DO PRODUTO

No período em que o conhecimento é comunicado em diferentes linguagens através de tecnologias inovadoras e arrojadas. Esses recursos permitem que o acesso à informação e a comunicação tenham um alcance bem maior.

Para o Estudioso dos impactos das novas mídias, Bezerra desde os primórdios, o ser humano busca se comunicar e utiliza os recursos de seu tempo para concretizar seu objetivo. Por exemplo: na pré-história a comunicação ocorria através de diferentes meios de expressão, como gestos, pinturas e sons vocais. Com o advento da imprensa o livro passou a ser o veículo difusor na informação. Na segunda metade do Século XX temos a evolução da eletrônica e atualmente a Era Cibernética. Ou seja, na esteira evolutiva da comunicação e informação, a mídia passou a exercer papel relevante no desenvolvimento humano na atualidade. Da pré-história, passando pela Idade Antiga, continuando no Medievo, no Renascimento, o Período Moderno e na Era da Eletrônica, diversos tipos de mídia, formas de gravar dados e meios de distribuição

evoluíram, mas nenhuma dessas épocas mudou tanto a vida humana como a Era Cibernética, período que se inicia nos anos de 1980 e segue até hoje. Assim, percebemos que as inovações afetaram a forma de viver das pessoas. Desse modo, as relações sociais e humanas ganharam componentes que permitem o compartilhamento e construção de informação constantemente.²⁰

O Objetivo da nossa cartilha é ensinar sobre o Patrimônio Histórico e Cultural de Mossoró, de maneira bem acessível a todos, mas sem perder a seriedade na transmissão dos fatos. Tal Cartilha deve ser distribuída em estabelecimentos educacionais, estabelecimentos de reeducação, órgãos públicos, templos religiosos, agremiações políticas, sindicatos, estação rodoviária e aeroportos.

As agências de turismo também podem fazer uso da mesma para seus fins comerciais. Os hotéis podem dispor da cartilha em suas recepções.

Como já foi dito, a cartilha também será publicada em sites e redes de compartilhamento de arquivos e vídeos, em português e inglês.

²⁰ BEZERRA, Diogo Henrique Duarte, Mídias digitais na educação. Especialização mídias digitais para a educação. Secretaria de Tecnologia Educacional/UFMT. Cuiabá, 2017. P. 10.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não existe memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter os aniversários, organizar as celebrações, pronunciar as honras fúnebres, estabelecer contratos, porque estas operações não são naturais (...). Se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que eles envolvem, eles seriam inúteis. E se em compensação, a história não se apoderasse deles para deformá-los, transformá-los, sová-los e petrificá-los eles não se tornariam lugares de memória. É este vai e vem que os constitui: momentos de história arrancados do movimento de história, mas que lhe são devolvidos (...).”

Pierre Nora

Um dos nossos objetivos nesse trabalho é apresentar o conjunto de espetáculos “O Auto da Liberdade” como uma produção discursiva que realiza uma passagem da memória para a história, atualizando sentidos, provocando uma adesão simbólica de seus membros na identificação com a sua História Local, refletindo na produção de uma identidade cujo passado é a essência”.

Consideramos que a **Identidade cultural** é o sentimento de **identidade** de um grupo, cultura ou indivíduo, na medida em que este é influenciado pela cultura do grupo a que pertença e que, através de encenações festivas, com a participação de indivíduos da comunidade representada, esse ideal se torna mais nítido e gravado na memória popular.

Na construção da identidade cultural dependemos de um conjunto vivo de relações sociais e patrimônios simbólicos historicamente compartilhados que estabelece a comunhão de determinados valores entre os membros de uma sociedade. Sendo um conceito de trânsito intenso e tamanha complexidade, podemos compreender a constituição de uma identidade em manifestações que podem envolver um amplo número de situações que vão desde a fala até a participação em certos eventos. Por séculos, a ideia de uma identidade cultural não foi devidamente problematizada no campo das ciências humanas. Com o desenvolvimento das sociedades modernas, muitos teóricos

tiveram grande preocupação em apontar o enorme “perigo” que o avanço das transformações tecnológicas, econômicas e políticas poderiam oferecer a determinados grupos sociais. Nesse âmbito, principalmente os folcloristas defendiam a preservação de certas práticas e tradições.

Ainda nesse sentido, algumas recentes teorias culturais desenvolvidas no campo das ciências humanas desempenharam o papel inovador de questionar o próprio conceito de identidade cultural. De acordo com essa nova corrente, muito em voga com o desenvolvimento da globalização, a identidade cultural não pode ser vista como sendo um conjunto de valores fixos e imutáveis que definem o indivíduo e a coletividade da qual ele faz parte.

Um dos mais conhecidos exemplos dessa nova tendência que pensa a questão das identidades pode ser encontrada na obra do pesquisador Nestor Garcia Canclini.²¹ Em vários de seus escritos, este pensador tem a recorrente preocupação de analisar diversas situações nas quais mostra que a cultura e as identidades não podem ser pensadas como um patrimônio a ser preservado. Longe disso, ele assinala que o intercâmbio e a modificação são caminhos que orientam a formulação e a construção das identidades.

Baseando nesses fundamentos, antigos problemas que organizavam os estudos culturais perdem a sua força para uma visão de natureza mais ampla e flexível. A antiga dicotomia que propunha a cisão entre “cultura popular” e “cultura erudita”, por exemplo, deixa de legitimar a ordenação das identidades por meio de pressupostos que atestavam a presença de esferas culturais intocáveis em uma mesma sociedade. Além disso, outras investigações cumpriram o papel de questionar profundamente o clássico conceito de aculturação.

Tendo como ponto de partida essas novas noções de identidade, antigos temas relacionados à cultura que aparentavam completo esgotamento ganharam um novo fôlego interpretativo. As identidades passaram a ser trabalhadas com definições menos rígidas. Diversos estudos vão contra a ideia de que uma população deve abraçar a sua cultura e garantir todas as formas possíveis de cristalizá-la. Dessa forma, presenciemos a abertura de novas possibilidades de entender o comportamento do homem com seu mundo.

²¹ CANCLINI, Néstor García. Narrar o multiculturalismo. In: _____ Consumidores e Cidadãos: conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: UFRJ, 4.ª ed., 2001, p. 143 a 160.

As encenações podem ocorrer em ambientes abertos ou fechados, de acordo com limitações financeiras ou climáticas. Os textos, em sua maioria são de autoria do poeta Joaquim Crispiniano Neto, que é engenheiro agrônomo, nascido em Santo Antônio-RN, mas que já faz parte do cenário político e cultural de Mossoró desde a década de setenta.

7. LISTAGEM DOS ACERVOS E FONTES

MUSEU DA RESISTÊNCIA

Av Rio Branco, s/n - Centro - Mossoró, RN - CEP: 59600-145

MUSEU HISTÓRICO LAURO ESCÓSSIA

R Antônio Gomes, 514, Centro - Mossoró, RN

MUSEU DO PETRÓLEO

Av Rio Branco, , Centro - Mossoró, RN

Biblioteca Digital da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte

<http://www.uern.br/biblioteca/default.asp?item=bibdigital>

Biblioteca Orlando Teixeira da Universidade Federal Rural do Semiárido

Av. Francisco Mota, 572 - Bairro Costa e Silva, Mossoró RN | CEP: 59.625-900

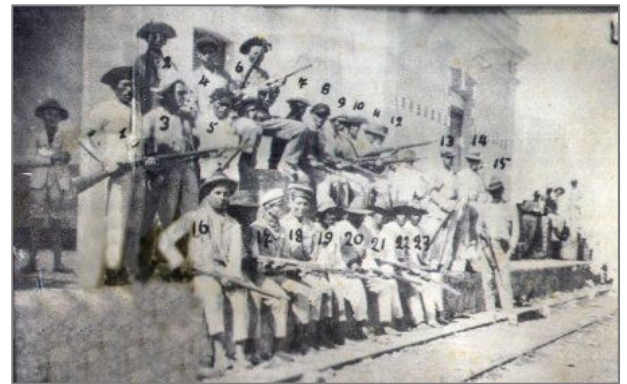
Acervo de Fotos Manuelito

Praça Vigário Antônio Joaquim, S/N

8. BIBLIOGRAFIA

- BRANDÃO, Thadeu de Sousa. Festa e identidade no “país de Mossoró”: uma contribuição para a sociologia do turismo. Turismo: Estudos e Práticas - UERN, Mossoró/RN, vol. 1, n. 2, jul./dez. 2012 [ISSN 2316-1493]. Disponível em: < >. Acesso em: 10 de Março de 2020
- BRAZ, Emanuel Pereira. Abolição da escravidão em Mossoró – pioneirismo ou manipulação do fato. Coleção Mossoroense, série C, 1999.
- CHARTIER, R., 1990. *A História Cultural. Entre Práticas e Representações*. Lisboa: Difel
- CHARTIER, R., 1997. *The Edge of the Cliff. History, Language and Practices*. Baltimore/London: The Johns Hopkins University Press.
- COSTA, B. B. A. . Mossoró não cabe num livro: Luís da Câmara Cascudo, o historiador da cidade. 1. ed. João pessoa: Ideia Editora LTDA, 2012.
- DANTAS Elynaldo Gonçalves. Histórias que (re)criam Mossoró: identidade “costurada” a partir de discursos transmitidos pelo Auto da Liberdade. Vânia Juçara da Silva- Graduada História Licenciatura-UFRN - Mestrando História-UFRN. Disponível em: < >. Acesso em 18 de Março 2020
- FOUCAULT. M. Des espaces autres: heterotopies. Architecture, Mouvement, Continuité, 1984.
- ALVES FELIPE, José lacerda. **A (Re)invenção do Lugar: os Rosados e o País de Mossoró**, Rio de Janeiro, ISSN: , 2001
- LOTMAN, Yuri. *Ensaio de Semiótica Soviética* (com B.A. Uspênski), Horizonte: Lisboa, 1971.
- PAIVA NETO, Francisco Fagundes. Mitologias do “país de Mossoró”. Coleção Mossoroense, série C, 1998.
- RÜSEN, Jörn. A História Entre a Modernidade e a Pós-modernidade. História: questões e debates, Curitiba. 1997.
- TUAN, Yi-Fu. Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL, 1983.

M O S S O R Ó



PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

Mestrado Profissional em História

TRABALHO DE CONCLUSÃO DO MESTRADO PROFISSIONAL EM HISTÓRIA

MOSSORÓ

PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL

AXEL BEZERRA ALVES

MESTRANDO

DR HÉLDER REMIGIO AMORIM

ORIENTADOR

2020

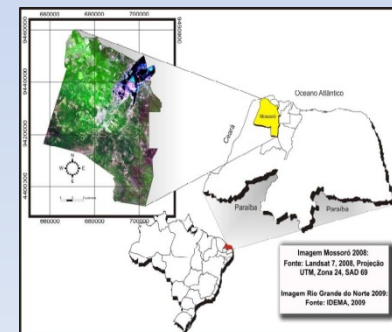
A CIDADE DE MOSSORÓ

- ✓ **A Cidade situa-se no Oeste do Rio Grande do Norte, região na qual é o polo econômico e cultural mais importante.**
- ✓ **Surgiu em torno da Fazenda Santa Luzia em 1760 e em 1870 ganha sua autonomia política, desmembrando-se de Assu.**
- ✓ **No final do Século e início do Século XX a cidade cresce em importância econômica como polo de ligação comercial entre o Litoral e o interior do estado, comércio dinâmico, beneficiamento de algodão e couro e o imponente refino de sal.**
- ✓ **Na Década de 1980, a exploração de Petróleo em Terra atraiu um fluxo muito grande de empresas, aumentou a riqueza da região e a cidade recebeu imigrantes de várias partes do país. Concomitantemente, desenvolve-se a agricultura irrigada, tornando a cidade um dos maiores produtores de frutas tropicais.**
- ✓ **A Cidade é sede-reitoria da UFERSA – Universidade Federal Rural do Semiárido e da UERN – Universidade Estadual do Rio Grande do Norte. Conta também com Faculdades Particulares e várias Escolas Estaduais, Municipais e Privadas.**
- ✓ **Os festejos mais importantes são: “Pingo do Meio dia” (carnaval), “Mossoró – Cidade Junina” (junho), “O Auto da Liberdade” (Setembro) e “A Festa de Santa Luzia” (Dezembro). Essas festas atraem grande número de turistas e romeiros.**

Santa Luzia



Imagem de Domínio Público



OS FATOS HISTÓRICOS MAIS IMPORTANTES

- ✓ ***O MOTIM DAS MULHERES - 1875-1876***
- ✓ ***ABOLIÇÃO DOS ESCRAVIZADOS – 1883***
- ✓ ***RESISTÊNCIA AO BANDO DE LAMPIÃO - 1927***
- ✓ ***PRIMEIRO VOTO FEMININO – 1928***

O MOTIM DAS MULHERES

1875-1876

- ✓ **CONTEXTO:** Século XIX, Monarquia em Declínio, Guerra do Paraguai.
- ✓ **Motivação:** Dúvidas sobre os métodos de recrutamento para lutar na Guerra do Paraguai.
- ✓ **Alvo das Rebeldes:** Órgãos Públicos de alistamento militar.
- ✓ **Líder:** Anna Floriano



Fonte: BlogdoGMaia - 2009



Fonte: BlogdoGMaia - 2009

Em 31 de agosto de 1875, ocorria em Mossoró, O Motim das Mulheres. Cerca de 130 donas de casa saíram em passeata pelas ruas da cidade protestando contra o duvidoso modo de recrutar homens para lutar na Guerra do Paraguai.

A população denunciava que o recrutamento seria usado pelos chefes políticos da época para recrutar os filhos dos adversários, como estava sendo feito em Mossoró.

O motim foi liderado por Dona Anna Floriano, Dona Maria Filgueira e Dona Joaquina Maria de Góis, esposas de políticos e autoridades de Mossoró.

Conscientes da manipulação política, elas iniciaram a manifestação e o motim tomou as ruas da cidade.



Fonte: Jinformal - 2018

MOTIM DAS MULHERES 1875-1876

Armadas com utensílios domésticos como panelas, frigideiras, conchas e colheres de pau, as mulheres foram até a Igreja Matriz de Santa Luzia e rasgaram os editais fixados no quadro de avisos. Depois se dirigiram à casa do escrivão do juiz de Paz e tomaram e rasgaram os documentos relativos ao alistamento.

Não satisfeitas, foram até a redação do Jornal “O Mossoroense” e destruíram os editais que seriam publicados no dia seguinte.



O MOTIM DAS MULHERES 1875-1876

O Movimento partiu para a Praça da Liberdade, onde entraram em choque corporal com um grupo de soldados da Força Pública que ali estava para dominar a rebelião. Algumas mulheres ficaram feridas e o protesto não se agravou mais graças à interferência de populares que acabaram com a confusão.



Fonte: TCM TV a Cabo Mossoró – 2012

O episódio de Mossoró não foi um caso isolado, tendo ocorrido semelhante manifestação em outros pontos da Província.

O que torna esse movimento especial foi o fato de ter sido organizado e executado apenas por mulheres, por amor aos seus filhos. Elas foram vitoriosas, pois conseguiram suspender o recrutamento.

ABOLIÇÃO PRECOCE DOS ESCRAVIZADOS

1883

CONTEXTO: SÉCULO XIX,
DECLÍNIO DA MONARQUIA,
CAMPANHA ABOLICIONISTA

OBJETIVO: LIBERTAR OS
ESCRAVIZADOS DA CIDADE

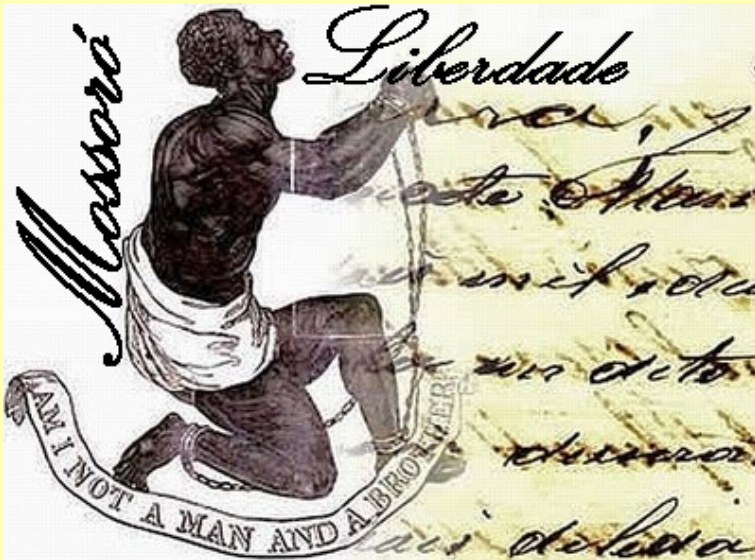
LIDERES: ROMUALDO GALVÃO E
A MAÇONARIA

Em 30 de Setembro de 1883, Mossoró, libertava seus escravizados cinco anos antes da Lei Áurea que acabou a escravidão no Brasil. Motivo de grande festa, hoje é feriado municipal na cidade.

Esse interesse libertário surgiu a partir de uma homenagem prestada pela maçonaria ao casal Romualdo Lopes Galvão, líder da política e do comércio local em 1883.

A proposta tomou as ruas e naquele mesmo ano, foi oficializada na Câmara Municipal, a "Sociedade Libertadora Mossoroense".

A Sociedade determinou o alvo de libertar os 86 escravizados que viviam na cidade. Foi instituído então o dia 30 de setembro para que todos os escravos fossem libertos. E o objetivo foi alcançado. Já no mês de junho, em sessão especial realizada na Loja Maçônica 24 de Junho, 40 escravos foram alforriados.



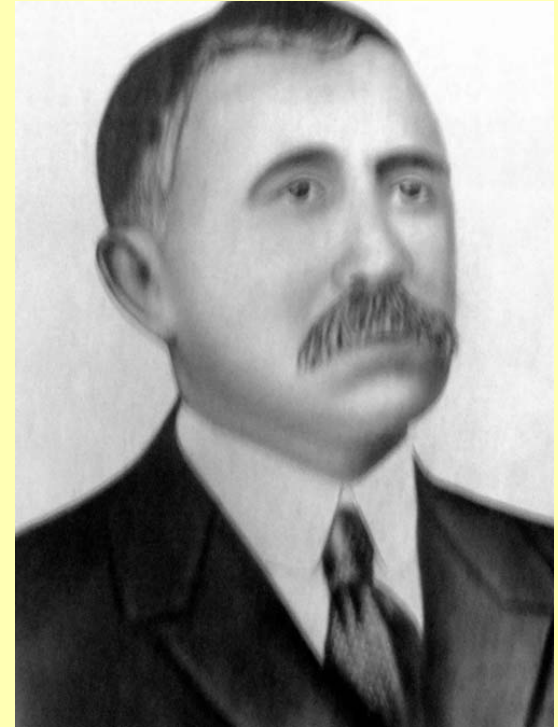
ABOLIÇÃO PRECOCE DOS ESCRAVIZADOS

1883

Somente alguns fazendeiros reivindicaram indenização pela alforria. Os escravizados que fossem libertos continuaram vivendo nas fazendas, não mais como cativos, e sim como funcionários, remunerados.

O movimento era organizado e se preocupou com o futuro libertos, diferente do aconteceu com a Lei Áurea, quando os escravizados foram expulsos das fazendas, e acabaram marginalizados.

Após o fim da escravidão na cidade, Mossoró passou a receber uma quantidade significativa de escravizados que fugiam de outros municípios em busca da liberdade.



Romualdo Lopes Galvão
1853-1927

Fonte: Biblioteca da Uern - 2020

ABOLIÇÃO PRECOCE DOS ESCRAVIZADOS

1883



Fonte: TCM Tv a Cabo
Mossoró

*Desde então,
o dia 30 de
setembro
passou a ser
a grande
data cívica
mossoroense*

*Em 1913 a
data foi
declarada,
através de
lei, como
feriado
municipal.*

RESISTÊNCIA AO BANDO DE LAMPIÃO

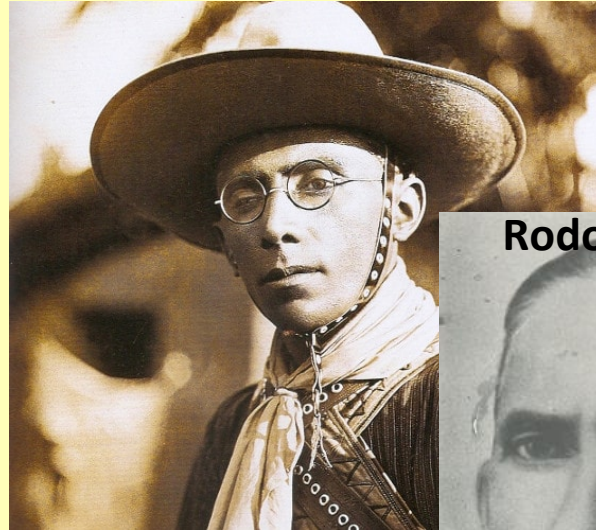
1927

CONTEXTO: REPÚBLICA VELHA,
CANGAÇO

Em 13 de junho de 1927 Lampião lançou um ataque contra Mossoró.

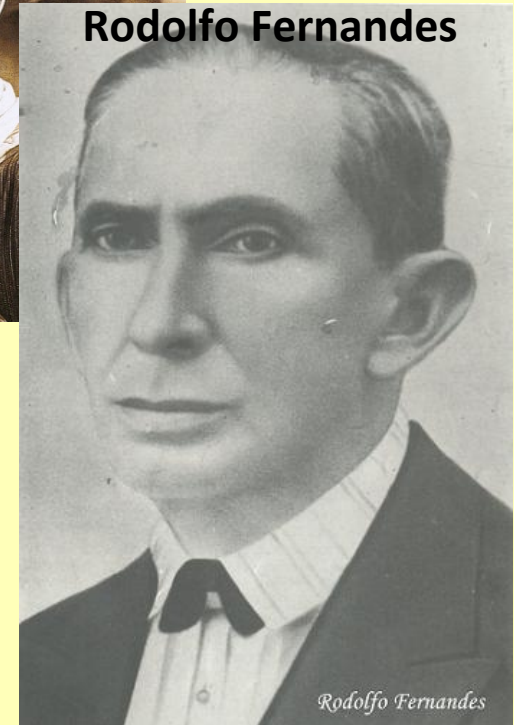
Antes, ele tinha enviado um ultimato ao prefeito Rodolfo Fernandes, exigindo vultosa quantia para não atacar a Cidade.

O prefeito desconsiderou a ameaça e preparou a cidade para resistir ao bando. Evacuou mulheres, idosos e crianças para o litoral e armou voluntários para resistir.



Fonte: Memorial da Resistência - 2020

Lampião



Fonte: Acervo da UERN - 2020

RESISTÊNCIA AO BANDO DE LAMPIÃO

1927

ULTIMATO DE LAMPIÃO E A RESPOSTA DO PREFEITO DE MOSSORO

“Cel Rodolfo

Estando Eu até aqui pretendo drº. Já foi um aviso, ahi pº o Sinhoris, si por acauso rezolver, mi, a mandar será a importância que aqui nos pede, Eu invito di Entrada ahi porem não vindo essa importância eu entrarei, ate ahi penço que adeus querer, eu entro; e vai aver muito estrago por isto si vir o drº. Eu não entro, ahi mas nos resposte logo.

Capm Lampião.”

Mais uma vez, o prefeito responde com negativa. Diz em sua resposta para Lampião:

“Virgulino, lampião.

Recebi o seu bilhete e respondo-lhe dizendo que não tenho a importância que pede e nem também o comércio. O Banco está fechado, tendo os funcionários se retirado daqui. Estamos dispostos a acarretar com tudo o que o Sr. queira fazer contra nós. A cidade acha-se, firmemente, inabalável na sua defesa, confiando na mesma.

RESISTÊNCIA AO BANDO DE LAMPIÃO

1927

OS ATACANTES



Fonte: Jornal O Mossoroense - 1928

OS DEFENSORES



Fonte: Jornal O Mossoroense - 1928

O Bando de Lampião tinha 53 cangaceiros. Não imaginava, porém, que iria enfrentar pelo menos 150 homens armados na defesa da cidade. Durante toda a noite, a detonação de armas em profusão. Parecia uma noite de São João bem festejada”, escreveu em O Mossoroense. Mas as mulheres rezavam para outro santo junino, o Antônio festejado naquele dia.

RESISTÊNCIA AO BANDO DE LAMPIÃO

1927



IGREJA DE SÃO VICENTE, ONDE
OCORREU A HERÓICA RESISTÊNCIA

Fonte: Jornal O Mossoroense - 1928

NO FINAL DA TARDE DO DIA 13 DE JUNHO, OS COMBATES SE INTENSIFICAM. O BANDO PERDE DOIS DOS SEUS PRINCIPAIS CANGACEIROS: COLCHETE E JARARACA. LAMPIÃO FUGIU ENFRAQUECIDO E SEU BANDO ENTRA EM DECLÍNIO, SENDO EXTERMINADO NO SERTÃO DE SERGIPE EM 1938.

PRIMEIRO VOTO FEMININO

1928

CONTEXTO: DECLÍNIO DA REPÚBLICA OLIGÁRQUICA, VOTO FEMINO

A LUTA PELO VOTO FEMININO TEVE INICIO COM AS SUFRAGISTAS NA INGLATERRA

O PRIMEIRO PAIS A ESTABELECE O VOTO FEMININO FOI A NOVA ZELANDIA NO BRASIL, OS ESTADOS DO RIO GRANDE DO NORTE E AMAZONAS FORAM OS PIONEIROS A CONCEDER VOTO AS MULHERES.



Fonte: Le Monde - 1909

PRIMEIRO VOTO FEMININO

1928

Muito antes de Vargas autorizar a presença feminina nas votações do país, uma mulher de Natal, no Rio Grande do Norte, solicitou seu registro para participar da eleição municipal de Mossoró (RN) no ano de 1928. Ela era Celina Guimarães Viana, uma jovem professora.

Com apenas 29 anos, Celina dirigiu-se a um cartório de Mossoró e pediu para ingressar na lista dos eleitores, baseando-se na constituição estadual do RN. O estado potiguar foi o primeiro de todos a regulamentar o sistema eleitoral sem “distinção de sexo”.

Celina Guimarães Viana
1ª eleitora da América Latina



Fonte: O Globo - 2008

PRIMEIRO VOTO FEMININO

1928



Fonte: Diário de Natal - 2001

A Luta de Celina Viana e das mulheres potiguares incentivou a que as demais mulheres do país lutassem por esse direito. O Voto Feminino só foi tornado nacional em 1932.

O AUTO DA LIBERDADE



Fonte: TCM – Tv a Cabo Mossoró - 2011

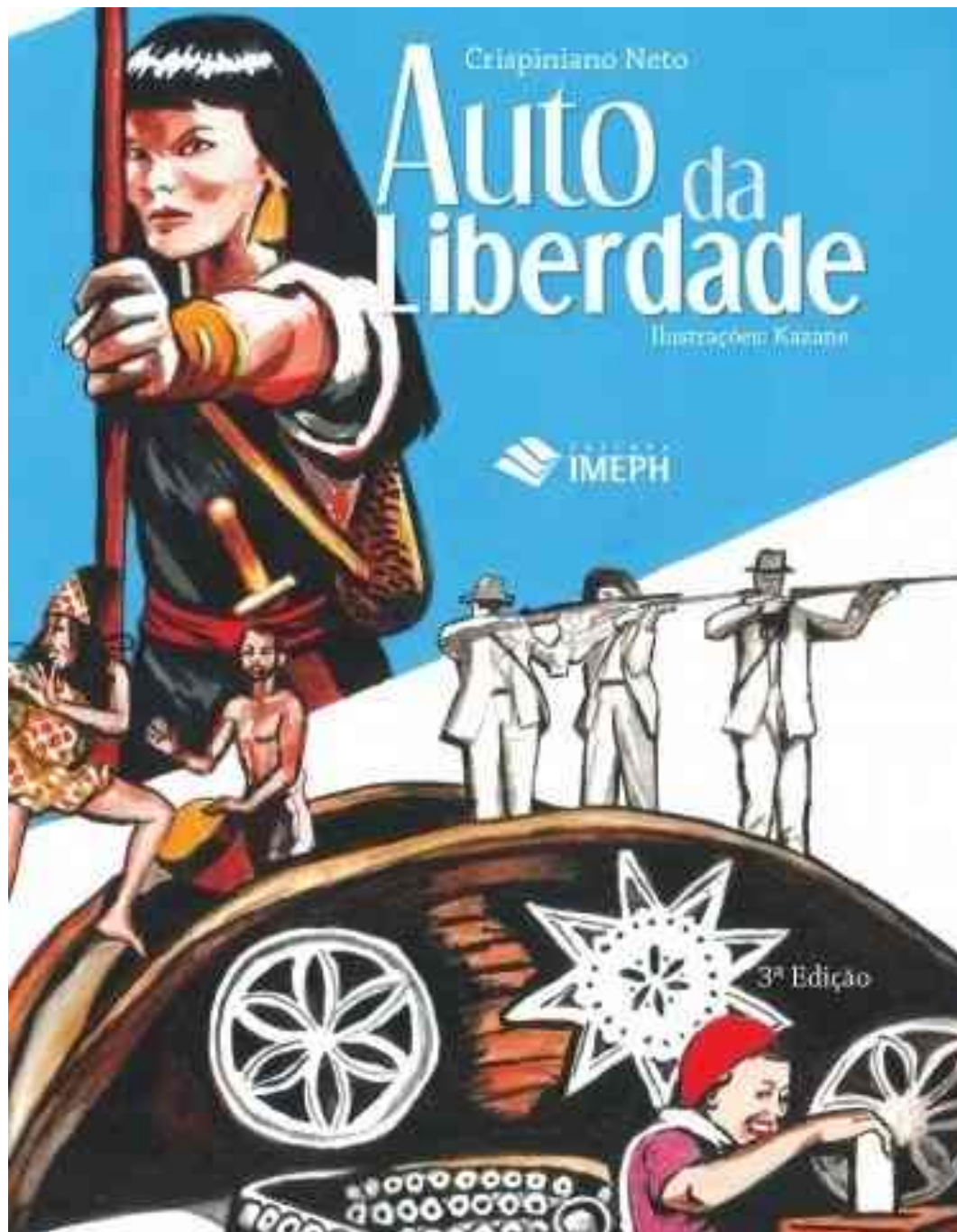
**FESTEJO QUE CONDENSE TODAS ESSES ACONTECIMENTOS QUE
ACONTECE NO MÊS DE SETEMBRO**

JOAQUIM CRISPINIANO NETO

A HISTÓRIA DE MOSSORÓ EM CORDEL



Poeta Potiguar, radicado em Mossoró, que cordelizou a História de lutas do povo de Mossoró.



“O Auto da Liberdade é uma obra que traz, do âmago do meu sentimento, todas as vontades de registrar um passado de lutas para estimular um presente de reflexão/ação em prol da materialização de um futuro de felicidade.”

Joaquim Crispiniano Neto